

VOZ OPERÁRIA

N. 457 ☆ RIO DE JANEIRO, 8 DE MARÇO DE 1958 ☆

FRENTE ÚNICA EM DEFESA
DA INDÚSTRIA NACIONAL
(Editorial na Terceira Página)

**nesto
numero**



Imperativo do Nosso Desenvolvimento: Relações Formais com os Países Socialistas — Rep. na 5a. pág.

★

**Inaceitável a Justificação da SUMOC
Nota na Terceira Página**

★

Concorda a URSS com uma Reunião Prévia — Crônica Internacional, na Segunda Página

★

Direito de Greve — Vitória Para o Trabalhador -- Texto na pág. central

★

Em Pernambuco: Reforça-se a Unidade da Classe Operária — Reportagem na 12a. Página

★

Os Sindicatos Rurais e a Ajuda Fraternal da Classe Operária — Artigo de Nestor Vera, na Décima Página

★

Sobre Algumas Questões da Situação Internacional — Discurso de N. S. Kruschiov (Conclusão do Número Anterior) na Quarta Página



EM PERNAMBUCO REFORÇA-SE A UNIDADE DA CLASSE OPERÁRIA, na base de luta dos têxteis para que os patrões respeitem a decisão do TRT e lhes paguem o aumento de salário de 25 por cento. Na foto, no alto, grande passeata realizada pelas ruas de Recife, encabeçada por operários, de bicicletas, e tece-lãs conduzindo bandeiras nacionais. Em baixo, aspecto parcial da gigantesca assembléia, quando os têxteis pernambucanos rejeitaram as iníquas propostas dos patrões e do governo (Reportagem na 12ª pág.)



A população de Queimados, progressista distrito do município de Nova Iguaçu, no Estado do Rio, prestou, no dia 2 do corrente, uma expressiva homenagem a Anita Leocádia Prestes. Milhares de pessoas compareceram ao ato. No clichê, da esquerda para a direita, vemos Anita Prestes quando agradecia as homenagens, um aspecto parcial da numerosa assistência e o ex-deputado federal, Carlos Marighella, quando discursava no ato. (Reportagem na 9ª página)

Continua Tensa a Situação na Indonésia

ARMAMENTOS DA SEATO PARA OS REBELDES DE SUMATRA

Continua tensa a situação na Indonésia, apesar das firmes medidas adotadas pelo governo central de Djakarta para dominar o foco rebelde de Sumatra Central. Segundo telegrama da United Press, originário de Sumatra e datado de 26 de fevereiro, os rebeldes estão procurando adquirir aviões militares em Singapura, a fim de enfrentarem a força aérea do governo da Indonésia, que, obedecendo a ordens do presidente Sukarno já bombardearam várias vezes o quartel general dos "jovens coronéis". Por sua vez a agência de notícias "Nova China", em seu boletim de 24 de fevereiro, denuncia que a SEATO organiza o Tratado do Sudeste da Ásia está fornecendo armas aos "jovens coronéis". Um carregamento militar, incluindo caixões anti-aéreos, já fora in-

trroduzido clandestinamente em Sumatra, antes mesmo da rebelião, como consequência dos entendimentos entre o coronel Hussein, líder dos "jovens coronéis" e a SEATO, realizados secretamente em Singapura. Os jornais de Djakarta reproduziram fotografias de carros de combate da SEATO destinados aos rebeldes de Sumatra Central, divulgadas em Singapura pelo jornal Strait Times.

Como se sabe a SEATO, em sua reunião realizada no início do ano findo, sob a presidência de Foster Dulles, estabeleceu como um de seus objetivos centrais a "recuperação da Indonésia para o mundo livre". Uma nova reunião desse bloco agressivo terá lugar em breve, mais uma vez com a presença de Foster Dulles. Os imperialistas britânicos e norte-americanos nos lançam mão, no momento, de

todos os seus trunfos, numa tentativa desesperada de barrar a marcha vitoriosa do povo indonésio para a sua completa e efetiva emancipação nacional e para o progresso.

O secretário geral do Partido Comunista da Indonésia, D. N. Aidit, em declaração publicada a 24 de fevereiro, reafirma a disposição de seu partido, juntamente com outros partidos políticos do país, de defender os interesses nacionais da Indonésia. "As presentes dificuldades domésticas são as que existem entre a nação e aqueles que se opõem à nação, e não entre o comunismo e o anticomunismo".

Disse ainda Aidit que as autoridades governamentais e militares do país adotaram atitude firme no combate aos rebeldes, e estão unidas ao povo. "Esse fato assegura a derrota final dos traidores".

MANIFESTAÇÕES POPULARES NO IRAQUE E NA JORDÂNIA

Os povos da Jordânia e do Iraque estão manifestando nas ruas sua oposição à política oficial de seus governos, de hostilidade à jovem República Árabe Unida, consubstanciada na constituição da «União Federal das Monarquias».

A 28 de fevereiro verificaram-se violentos choques nas ruas de Bagdad, em consequência de greves e desfiles populares pró-adesão do país à República Árabe Unida. No mesmo dia, no decurso de manifestações análogas, foram efetuadas numerosas prisões na Jordânia, inclusive do antigo presidente do Parlamento jordano e de dois ex-ministros.

Por outro lado noticiase a adesão do Iemen à República Árabe Unida, sob a forma de união federal. Tudo indica que a Líbia irá também seguir o exemplo do Iemen.

Enquanto os povos da Jordânia e do Iraque manifestam sua repulsa à «União das Monarquias», prosseguem no Egito e na Síria as demonstrações de regosijo pela constituição da República Árabe Unida, já definitivamente aprovada em impressionante plebiscito popular.

Fracassam assim os esforços dos imperialistas para dividir os povos árabes, apesar do apoio que encontraram nos dois jovens reis Faisal e Hussein. E consolida-se a República Árabe Unida, expressão da unidade dos povos árabes em sua luta pela independência nacional.

EM WASHINGTON A REUNIÃO LESTE-OESTE

Em sua entrevista semanal à imprensa norte-americana o presidente Eisenhower revelou que havia recebido uma mensagem pessoal dos dirigentes soviéticos na qual declaram dispostos, em caso de necessidade, a aceitar a cidade de Washington como sede da conferência de cúpula entre o Leste e o Oeste.

E' inequívoca a alta significação da proposta dos líderes soviéticos: revela o seu desejo de entendimento ao afastar desde logo as dificuldades que o presidente Eisenhower teria de enfrentar, no caso de ser escolhido um local afastado dos Estados Unidos para o encontro de alto nível.

E o próprio chefe da Casa Branca insistiu no caráter amistoso do novo oferecimento soviético ao revelá-lo à im-

pressão norte-americana. Tal oferecimento, precisou Eisenhower, é inspirado pela preocupação de permitir ao chefe do Executivo norte-americano de desempenhar a sua missão constitucional nos Estados Unidos tomando ao mesmo tempo parte numa conferência de cúpula entre o Leste e o Oeste. Saliu ainda que seria tentado a aceitar a proposta se uma futura conferência tivesse de se prolongar além do prazo normal.

E', assim, o próprio chefe do governo norte-americano que vem a público revelar mais uma prova evidente e inofensível dos propósitos dos dirigentes soviéticos de todo empreenderem para dar mais um passo decisivo no caminho da coexistência pacífica e do alívio da tensão internacional.

40º Aniversário das Forças Armadas Soviéticas



No Palácio de Esporte do Estádio Central "Lênin", em Moscou, realizou-se no dia 22 de abril próximo passado, uma Sessão Solene comemorativa à passagem do 40º aniversário da criação do Exército e da Marinha Soviéticas. No clichê, um aspecto do ato, vendo-se a mesa, tendo ao fundo, o busto de V. I. Lênin, fundador do Estado Soviético. (Foto da agência TASS.)

VITÓRIA DEMOCRÁTICA NA ITÁLIA CONTRA INTOLERÂNCIA RELIGIOSA

Acaba de surgir grave tensão entre o Vaticano e o próprio Estado italiano, em consequência da condenação de um bispo católico por um tribunal de Florença. Numa demonstração de impressionante intolerância religiosa e espírito reacionário, o referido bispo, coadjuvado por um vigário, havia acusado escandalosamente um casal de italianos de "viver em concubinato público" por se terem unido apenas pelo casamento civil, segundo as leis do país. Para o bispo florentino todos os cidadãos italianos devem ser obrigados a professar a religião católica e a contraírem matrimônio

religioso, sob pena de serem lançados ao desprezo público, como pecadores imorais.

Apesar da imensa influência do Vaticano em toda a vida política e social do país, o tribunal de Florença assumiu a atitude corajosa de condenar o bispo por difamação e calúnia. Foi essa uma importante vitória democrática do povo italiano. Com ela não se conformaram os altos círculos do Vaticano, a ponto de serem suspensas todas as comemorações do aniversário do coronamento do Papa Pio XII. O casal italiano que processou o bispo foi declarado excomungado. A reação do Vaticano, que se diri-

ge assim abertamente contra a instituição do casamento civil, está provocando viva tensão e o próprio Estado italiano, e bora o governo de Roma esteja nas mãos do Partido Democrático-Cristão, reacionário e clerical.

Os observadores políticos afirmam que a decisão do tribunal de Florença é indicio da crescente oposição existente na opinião pública italiana contra a ingerência do Vaticano na política interna e externa, do país. Oposição esta que se refletirá fatalmente nas próximas eleições.

Crônica Internacional Concorda a U. R. S. S. Com Uma Reunião Prévia

EM NOTA enviada a seu colega francês Christian Pineau, o ministro do exterior da União Soviética, Andrei Gromiko, comunica a decisão do governo de seu país aceitando a proposta norte-americana de que a Conferência de Chefes de Estado seja precedida por uma reunião de ministros do exterior. Propõe a U.R.S.S. que esta reunião preparatória se realize em abril, e a de chefes de governo em junho, e que ambas tenham como sede a cidade de Genebra ou Nova Delhi, capital da Índia.

Sugere ainda a União Soviética que a reunião prévia de chanceleres se limite a estabelecer o teor da Conferência e a determinar a sua composição definitiva. A reunião preparatória seria constituída pelos ministros do exterior dos Estados Unidos, Grã-Bretanha, França, Itália, União Soviética, Polónia, Tchecoslováquia e România. O teor da Conferência dos Chefes de Estado deverá incluir como temas centrais a suspensão das explosões experimentais de armas nucleares e a criação de uma zona sem armas nucleares na Europa Central.

A decisão do governo da U.R.S.S. foi recebida com otimismo nos meios governamentais dos países da Europa ocidental, mas provocou surpresa e confusão, segundo informam as agências telegráficas, nos círculos mais reacionários ligados ao governo de Washington. Como se sabe, a exigência de uma reunião prévia de ministros do exterior havia sido imaginada por Foster Dulles como um meio de postergar indefinidamente a realização da Conferência de Chefes de Estado proposta por Bulganin. Removido esse pretexto, será muito difícil agora ao Departamento de Estado norte-americano continuar a sabotar essa iniciativa, que conta com o apoio publicamente manifestado não só de Mac Millan, chefe do governo britânico, como da maioria dos meios governamentais dos demais países capitalistas da Europa.

As declarações feitas nos últimos dias por Harold Stassen, ex-assessor do presidente Eisenhower para os problemas de desarmamento e ex-representante dos Estados Unidos na subcomissão de desarmamento da ONU, lança-

ram nova luz sobre essa sabotagem a quaisquer medidas que conduzam ao alívio da tensão internacional, organizada por Foster Dulles. As declarações de Stassen provocaram viva emoção na opinião pública norte-americana, ao revelar que em junho do ano passado o presidente Eisenhower havia concordado com o seu ponto de vista de que era possível chegar a um acordo com a União Soviética sobre a suspensão imediata das experiências com bombas nucleares e sobre outras questões de desarmamento. "No entanto", disse Stassen, "alguém, ao que parece o Secretário de Estado Foster Dulles, modificou o pensamento do presidente". Stassen discordou ainda francamente da opinião exprimida há uma semana por Eisenhower, segundo a qual um acordo sobre a suspensão das experiências nucleares seria impossível no momento, mesmo que a U.R.S.S. e os Estados Unidos o desejassem, porque vários países membros da OTAN não concordariam com isso.

As revelações de Stassen e a aceitação por parte da União Soviética da exigência norte-americana de uma reunião prévia de ministros do exterior, estão provocando uma completa reviravolta na atitude de muitos setores da opinião pública dos Estados Unidos, apesar dos esforços permanentes de intriga e propaganda desenvolvidos pelo Departamento de Estado. Amadurecem assim rapidamente, as condições para a realização da Conferência de Chefes de Estado. A realização dessa Conferência é uma exigência da opinião pública mundial, que não pode mais suportar o impasse em que se encontram as negociações para um acordo internacional de desarmamento, acompanhado de uma intensificação sem precedentes da corrida armamentista e da preparação ativa de uma guerra nuclear. Os passos concretos dados nas últimas semanas, pelos Estados Unidos, para a instalação de rampas de lançamento de foguetes nucleares em diversos países da Europa, e a continuação do envenenamento do globo terrestre em consequência das explosões experimentais, tornam ainda mais aguda a urgência para a realização da Conferência.

BOMBARDEADA COM AVIÕES NORTE-AMERICANOS

O Departamento de Estado dos Estados Unidos foi compelido, em virtude de indiscreção cometida pelo sub-secretário de Estado adjunto sr. Douglas Dillon, a confirmar oficialmente que o governo francês utilizou aviões fornecidos pelos Estados Unidos nos covardes bombardeios da aldeia tunisina de Sakiet Esse. Esses aviões haviam sido dados à França, a título de ajuda econômica. O sub-secretário Dillon cometeu a indiscreção na ânsia de encontrar argumentos para convencer o Congresso norte-americano a não reduzir as verbas da chamada «ajuda exterior», esquecendo-se, ao que parece, dos efeitos negativos da revelação, considerados nos Estados Unidos como «desastrosos» para o prestigio do país entre os povos árabes.

VOZ OPERÁRIA

Diretor
Mário Alves
MATRIZ:
Av. Rio Branco, 257, 17.
and. s/ 1.712 - Tel: 42.7344
ASSINATURAS:
Anual 150,00
Semestral 80,00
Trimestral 60,00
Núm. avulso 3,00
Núm. atrasado ... 5,00
Áerea ou sob registro, despesas à parte:
SUCURSAL
PORTO ALEGRE - Rua
Voluntários da Pátria, nº
65, s/ 43

Frete Unica em Defesa da Indústria Nacional

O ATO da SUMOC, que concedeu à American Can o privilégio de instalar-se no Brasil, transferindo seus equipamentos sem cobertura cambial (privilégio não concedido à indústria nacional), vem provocando um movimento de repulsa que traduz o vigor do movimento da frente única, que vai se formando contra os atentados do imperialismo norte-americano.

O ATO da SUMOC afeta em especial a determinado ramo da indústria, o da produção de latarias. Na verdade, porém, a decisão tomada pela SUMOC consubstancia um atentado à toda a indústria brasileira, da qual o nosso povo se orgulha legitimamente. A famigerada Instrução 113 já permitiu numerosas outras inversões do capital estrangeiro sem cobertura cambial, o que provocou protestos da imprensa nacionalista e dos círculos mais representativos da nossa indústria. Nenhuma concessão entretanto, assumiu caráter tão alarmante como a permissão dada à American Can. Trata-se, no caso, do truste que domina a produção de latarias nos Estados Unidos. Disposto de imensos recursos financeiros e técnicos e vindo para o Brasil em condições privilegiadas, não é exagero afirmar que poderá facilmente monopolizar o ramo das latarias em nosso país. Mas aí é que está a circunstância mais monstruosa: o Brasil possui uma indústria nacional de latarias perfeitamente capaz de abastecer o mercado interno. A vinda da American Can não trará nenhum benefício ao desenvolvimento econômico do país, mas, ao invés disto, desnacionalizará um dos ramos da sua indústria e contribuirá para onerar ainda mais a sua balança de pagamentos. O ato da SUMOC tem, portanto, excepcional gravidade, abrindo inadmissível precedente e assumindo o caráter de atentado à toda a indústria brasileira.

AS ENTIDADES representativas dos industriais protestaram enérgicamente, em particular a Federação e o Centro das Indústrias de São Paulo. Mas a defesa da indústria nacional não é uma questão de interesse exclusivo dos capitalistas brasileiros. É uma questão de interesse de todo o povo, uma vez que o fundamento material de nossa emancipação econômica reside principalmente na industrialização.

NO PROTESTO contra o ato da SUMOC, vêm se juntando aos industriais os

sindicatos operários e as entidades estudantis.

TANTO em São Paulo como no Rio, os trabalhadores, particularmente os metalúrgicos, se mobilizam para uma verdadeira campanha pela anulação do ato da SUMOC. O proletariado mostra com isto ausência de egoísmo de classe e elevada preocupação com os interesses gerais da nação. O proletariado mostra, na prática, que quer e pode se aliar à burguesia para lutar por um objetivo comum que, nas presentes condições, é o mais importante dos objetivos: a emancipação do país da exploração imperialista norte-americana.

AS ENTIDADES estudantis, particularmente a UNE e a União Estadual de São Paulo, manifestaram imediatamente o seu protesto e, juntamente com os sindicatos operários e as entidades da indústria, já estão tomando as primeiras medidas para uma ampla campanha de mobilização da opinião pública, que leve o governo do sr. Juscelino Kubitschek a reverter o ato da SUMOC.

AO CONTRÁRIO do que afirmam os porta-vozes do entreguismo, as forças nacionalistas não se guiam por sentimentos de xenofobia com relação ao capital estrangeiro. A luta dos nacionalistas não se trava pela rejeição total e incondicional do capital estrangeiro, mas pela abolição dos privilégios de que usufrui e pela seleção de suas inversões de maneira a admitir somente aquelas que contribuam para o desenvolvimento do país, e não prejudiquem a iniciativa nacional. É precisamente neste sentido que se trava a luta contra a American Can, que vem para o Brasil cercada de privilégios, nada trará para o nosso desenvolvimento e causará direto prejuízo a um ramo já existente da indústria nacional.

A LUTA pela revogação do ato da SUMOC, dentro e fora do parlamento, pode trazer significativa vitória ao movimento nacionalista. Quanto ao governo do sr. Juscelino Kubitschek só terá a ganhar se tomar a única posição compatível com os interesses nacionais: revogar o ato da SUMOC e fazer cessar o regime de privilégios para o capital estrangeiro fundado na Instrução 113.

AMERICAN CAN

Inaceitável a Justificação da SUMOC

NÃO foi bem recebida pela opinião pública, a nota distribuída à imprensa pelo Conselho da SUMOC, procurando justificar o seu ato entreguista concedendo licença à American Can para a instalação, no país, de uma fábrica de lataria. Embora reconhecendo, como afirma em sua nota, a existência de acirrada luta entre dois grupos econômicos — um de capitalistas brasileiros, outro de capitalistas norte-americanos — em torno daquela questão, a SUMOC não vacilou em tomar o partido do grupo de capitalistas americanos, em prejuízo dos interesses da economia nacional.

Tentando jogar areia nos olhos do público, a SUMOC utiliza um palavreado vazio na vã tentativa de defender-se, concluindo por afirmar que a instalação no Brasil daquele poderoso truste americano constituirá um elemento de maior dinamismo para a indústria nacional de estampanaria, que poderá continuar a operar dentro do clima salutar da liberdade de concorrência. Passando por longe da história tenebrosa daquela empresa norte-americana, a SUMOC esconde do público o fato de que ela, em toda a sua existência, tem se revelado um inimigo incondicional da livre concorrência. Fundada como resultado da fusão de mais de 65 empresas americanas, a American Can absorveu, em sua luta por dominar o mercado dos Estados Unidos, mais de 100 empresas similares que lhe ofereciam concorrência, e levou muitas outras a fechar as suas portas. Como, então, admitir-se que a sua instalação, em nosso país, permitirá às 40 fábricas nacionais continuar suas operações no clima salutar da liberdade de concorrência?

Com a reafirmação pública de seu ato entreguista, dias após haver o ministro da Fazenda prometido aos industriais paulistas que mandaria reexaminar a questão, a SUMOC deu uma demonstração de que ainda são muito fortes as posições ocupadas pelos elementos entreguistas no seio do atual governo. Isto, naturalmente, só pode servir de sinal de alerta para a necessidade de maior movimentação das forças naciona-

ciais sobre o governo para que ele realize uma consequente política de desenvolvimento independente da economia nacional.

A batalha, porém, não está terminada, e a nota da SUMOC não põe um ponto final num assunto que toca listas no sentido de influência de perto os interesses da economia brasileira. O movimento de protesto iniciado pelos industriais paulistas, apoiado pelos industriais de

todo o país, recebe adesões de importância decisiva representadas pelas manifestações de solidariedade dos trabalhadores e estudantes, expressas através de suas entidades mais representativas. O Pacto de Unidade Intersindical, a Confederação Nacional dos trabalhadores na Indústria, os Sindicatos dos Metalúrgicos do Rio e de São Paulo, os Sindicatos dos Alfaiates e dos Sapateiros e a Federação dos Têxteis do Distrito Federal, e numerosas outras organizações sindicais de todo o país, manifestaram a decisão dos trabalhadores brasileiros de se unirem aos industriais nessa luta patriótica contra as pretensões da American Can. Importante adesão acaba de ser dada pelos estudantes, através da UNE, AMES, UBES, UEE e outras entidades.

Esboça-se, desta forma, um poderoso movimento de resistência à penetração no país de mais um truste americano, de protesto contra o ato entreguista da SUMOC, e em defesa da economia nacional. Patrões, operários e estudantes revelam, assim, compreender que só a união de todas as forças nacionalistas é capaz de derrotar o entreguismo enquistado no seio do governo e garantir o desenvolvimento independente da economia nacional.

Comentário Político

A PARTICIPAÇÃO DOS COMUNISTAS NAS ELEIÇÕES DE 3 DE OUTUBRO

Foi cercada de grande interesse e repercutiu amplamente nos círculos políticos de São Paulo a entrevista coletiva concedida aos jornalistas acreditados na Câmara Municipal da capital paulista, pelo professor Calil Chade, sobre a participação dos comunistas de S. Paulo nas próximas eleições.

Em São Paulo, como em todo o país, bem sabem os círculos políticos que os comunistas participaram dos pleitos anteriores com objetivos limitados, encarando os embates eleitorais como atividade secundária e acessória de sua luta política geral. Daí o lançarem-se aos pleitos eleitorais à última hora, para levar ao povo durante as campanhas, palavras de ordem gerais e avançadas, quase sempre ligadas a objetivos remotos.

"A nossa atitude ante as eleições não foi justa no passado. Como não admitimos a possibilidade de uma solução pacífica para os problemas fundamentais da nação brasileira, menosprezávamos a importância das eleições como forma de luta política" — afirmou o professor Calil Chade.

Depois de se referir ao artigo de Prestes, de novembro último, que reelaborou e desenvolveu importantes elementos da tática do Partido, acentuou o professor Chade:

"Admitimos hoje a possibilidade de uma solução pacífica e democrática para os problemas atuais do nosso país. Admitimos a possibilida-

de de uma solução pacífica porque ela corresponde aos interesses da classe operária e de todo o povo, aos interesses gerais da nação. Nessas condições vemos nas eleições, apesar das limitações ainda existentes e contra as quais continuamos lutando, um meio de fazer avançar a unidade do povo, um caminho na busca da solução dos problemas do país, do Estado e do Município".

Ao encarar as eleições como forma de luta política capaz de encaminhar de maneira democrática e pacífica a solução dos problemas fundamentais do país os comunistas desde logo, e consequentemente, passam a encarar de modo inteiramente diverso do passado a sua mobilização para os embates eleitorais. "Os comunistas dedicarão todas as suas energias e capacidade de trabalho afim de que em outubro as forças democráticas, nacionalistas e progressistas venham a ser vitoriosas, fortalecendo as suas atuais posições e conquistando outras, especialmente nos executivos e legislativos. Estamos certos de que assim estaremos contribuindo para impulsionar a luta pelo desenvolvimento independente da economia nacional, por uma política externa de paz e de colaboração internacional, pela democracia e pelo progresso social" — afirmou o professor Chade aos jornalistas de São Paulo.

Bem sabem as demais for-

ças políticas interessadas no desenvolvimento independente, democrático e progressista do país o que significará em S. Paulo e nas principais regiões políticas uma tal mobilização e participação dos comunistas, com todas as suas forças, nas próximas eleições. Daí a importância que vêm assumindo os entendimentos de que participam os comunistas em torno de candidaturas e chapas que não de expressar a frente única democrática e progressista em franca ascensão em toda a parte.

Desde a mobilização do povo para o alistamento, tarefa a que se lançarão com as demais forças políticas, por que decisiva do pleito, até a elaboração dos programas e escolha das candidaturas capazes de representar a frente única democrática e nacionalista, os comunistas em todo o país não de se mostrar dignos e abnegados lutadores do amplo movimento de independência nacional de que participam. Ligados ao povo, como seus servidores, estreitamente vinculados às massas porque defensores ativos de suas reivindicações políticas e econômicas imediatas, os comunistas, em S. Paulo como em todo o país, não de influir decisivamente para que as eleições de outubro constituam grandiosa vitória do povo brasileiro na estrada da sua emancipação econômica, política e social.



Aspecto da reunião de terça-feira última na sede da UNE, quando organizações de trabalhadores e estudantes, decidiram intensificar a luta contra o truste ianque American Can

A luta vitoriosa contra forças econômicas tão poderosas como as representadas pela American Can, não pode ser conduzida de maneira desorganizada, ou através de simples manifestação desta ou daquela entidade de industriais ou de trabalhadores. E as forças nacionalistas revelam compreender, muito bem,

esta verdade. Tanto assim que o movimento contra a American Can e em defesa da indústria nacional, será levado à rua, através de atos públicos, como acabam de decidir líderes sindicais, dirigentes estudantis e próceres nacionalistas, em reuniões realizadas esta semana na sede da União Nacional dos Estudantes, e no Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo. São com o reforçamento do movimento nacionalista em todo o país e a realização de vigorosas demonstrações populares que o nosso povo poderá derrotar os entreguistas, fazendo o governo revogar a iníqua e im-patriótica decisão da SUMOC.

Sobre Algumas Questões da Situação Internacional

N. S. KRUSCHIOV (Conclusão do Número Anterior)

Esta posição do governo francês diferencia-se da posição do governo dos EUA, que, como é sabido, insiste na realização da reunião dos ministros dos negócios estrangeiros para o exame em essência, das questões internacionais.

Não se pode deixar de deter-se nas posições do governo da República Federativa Alemã. Intervindo a 15 de abril pelo rádio, o chanceler Adenauer caracterizou a mensagem do governo soviético como uma manobra minuciosamente preparada, na qual não há uma tentativa séria para a consecução da compreensão mútua. Ele fez uma declaração infundada de que "Os Soviéticos agora, antes de tudo, esforçam-se em semear o alvoroço no mundo". Deixemos na consciência de Adenauer estas inconsistentes afirmações.

A realização da reunião, fala o sr. Adenauer, não dará nada porque, se ela não for coroada de êxito, então conduzirá somente a um aguçamento ainda maior da situação. Mesmo assim se deve concordar com a proposta referente à realização da reunião com aquela reserva, de que não é necessário convidar um número excessivamente grande de participantes e, mediante uma preparação diplomática minuciosa e necessária, estabelecer que existem possibilidades para a conquista da compreensão mútua.

O sr. Adenauer manifesta-se também contra os planos de criação na Europa Central de uma zona livre das armas atômicas.

Em sua resposta oficial à mensagem do governo soviético, o sr. Adenauer expõe de maneira não justa a posição do governo soviético na questão da reunificação da Alemanha. Ele afirma que na reunião de Ginebra dos chefes de governos das quatro potências fora conseguido o acordo sobre a questão da reunificação da Alemanha. Eu já falei que tal afirmação não corresponde à realidade e contradiz os fatos.

A posição ocupada pelo governo do sr. Adenauer provocou decepção e condenação não só da opinião pública internacional, mas também, na própria Alemanha Ocidental. A fração do partido social-democrático no Bundestag declarou que a carta-resposta de Adenauer não possibilita, em geral, nenhum progresso na questão do desarmamento, e também na questão da reunificação, porque se limita somente a refutar acusações, ou a repetir conhecidos reproches dirigidos a Moscou. São deixadas de lado as concretas possibilidades de movimento para a frente a questão do desarmamento. A fração do partido social-democrata livre, no Bundestag, também condena o fato de que o governo federal, de maneira categórica, rejeita a idéia da criação de uma zona livre das armas atômicas, na Europa.

Camaradas! O governo soviético considera que já amadureceu completamente a necessidade da realização da reunião dos dirigentes dos Estados, num nível elevado, com a participação dos chefes de governos. Nós estamos dispostos, em qualquer tempo, a tomar parte em tal reunião.

Existem, atualmente, determinadas questões internacionais que exigem inadiável solução, e que podem ser resolvidas hoje? A resposta só pode ser uma: sim, tais questões existem, e não são poucas.

Será que os homens de Estado, apesar de certa inquietação dos destinos dos povos, podem permanecer passivos e concordar com o atual estado de coisas, quando a crescente corrida no terreno de produção de armas, como um avalanche de neve, cada vez mais poderosa por sua força destruidora, cria o perigo de uma nova catástrofe?

Será que se pode concordar com o fato de que a atmosfera da "guerra fria" torne este perigo mais próximo e mais real?

O governo soviético já comunicou oficialmente, à todas as potências seu ponto de vista sobre as questões que devem ser discutidas em primeiro lugar. Citarei algumas delas.

O que impede que se chegue a um acordo sobre a imediata cessação das experiências com armas atômicas e de hidrogênio, para, desse modo, pôr fim à nociva influência das explosões experimentais sobre a saúde das pessoas? Será que a discussão desta questão, o mais urgente possível, ainda não amadureceu? Há muito amadureceu!

E será que já não é tempo de se chegar a um acordo, finalmente, sobre a cessação da chamada "guerra fria"? Pois no decorrer de mais de dez anos o mundo vive numa situação de "guerra fria", que põe em sobressalto aos povos. Em seu terreno, os inimigos da paz, sistematicamente, cultivam a inimizade e o ódio entre os povos, incentivam a psicose de guerra. «A guerra fria» e a corrida dos armamentos, empurrando o mundo cada vez mais para a frente, num plano inclinado para a guerra atômica, são coisas estreitamente ligadas entre si. Será que já não é hora de pôr fim a guerra fria? Há muito é tempo!

O mesmo se deve dizer sobre a cessação da propaganda de guerra, a qual, em alguns países ocidentais, é realizada diariamente e assume cada vez mais um caráter desenfreado.

Quem pode negar que nos EUA encontram-se pessoas, tanto civis como militares, que inter-vêm sistematicamente com apelos à guerra, e inclusive a guerra atômica? E' tempo de se reconhecer que esse tipo de exercícios propagandísticos, se tornaram uma questão bastante perigosa nas condições atuais, para que se possa permitir que prossigam!

Nós consideramos também que já é tempo de se conseguir um acordo sobre a redução da quantidade das tropas estrangeiras, que se encontram atualmente na Alemanha e nas fronteiras de outros estados europeus. Assim, quando nós falamos sobre a redução dessas tropas, temos em vista que isto deve ser somente o começo, somente a primeira etapa, porque, afinal de contas, a questão deve chegar até à completa retirada de todas as tropas estrangeiras do território de outros estados. Será que isto não é natural, para os tempos de paz? Será que já não amadureceu a questão, para hoje chegar-se a um acordo, sobre a necessidade da realização pelas correspondentes potências deste importante passo?

A própria vida sugere a necessidade da solução de tão importante questão como a criação, na Europa Central, de uma zona, livre de qualquer tipo de armas nucleares, zona essa que abrangeria estados como a República Democrática Alemã, Polónia, Tchecoslováquia, a República Federal Alemã. Como é sabido, três destes estados já se manifestaram de acordo com a criação de tal zona. Não há necessidade de demonstrar a excepcional importância em favor da causa da paz, da realização desta proposta, apresentada pelo governo da Polónia.

Algumas pessoas estrangeiras declaram que, na solução da questão sobre a criação na Europa de uma zona sem armas atômicas e de hidrogênio, se exige o correspondente controle. A União Soviética está disposta a examinar esta proposta e passar ao estabelecimento do controle necessário.

Inadiável também é a questão sobre a situação no Extremo e Médio Oriente. Todos nós fomos, nestes últimos tempos, testemunhas de que, ora num, ora noutro ponto desta região surgiram perigosos focos de guerra, que ameaçavam atirar toda a humanidade no precipício da guerra. Precisamente por isso, nós consideramos que a obrigação das grandes potências é, e de, o mais rápido possível, entrar num acordo sobre o não emprego da força na solução das questões do Oriente Próximo e Médio e da não ingerência nos assuntos dos países desta região.

Finalmente, quem pode negar a necessidade de se terminar com tais vergonhosos fenômenos no terreno das relações econômicas internacionais, como a discriminação, diferentes listas proibitivas e outros semelhantes obstáculos artificiais ao intercâmbio comercial entre os estados.

Pode-se dizer, com confiança, que todas estas barreiras colocadas, nas condições da "guerra fria", no caminho do livre desenvolvimento do comércio internacional, não trazem vantagens, inclusive àqueles estados que as criaram, e somente envenenam a atmosfera e levam água ao moinho dos inimigos da paz.

Falando, em particular, a discriminação no terreno do comércio também foi criada para envenenar a atmosfera. Se os círculos dirigentes de alguns países calculavam, com isso, enfraquecer o potencial militar da União Soviética, então nada conseguiram. Alguns, provavelmente, pensavam que se fosse liberada a venda de mercadorias estratégicas à União Soviética, então isso poderia, em certo grau, possibilitar o fortalecimento do poderio militar, do desenvolvimento da ciência e da técnica militar em nosso país. Mas a vida mostrou a completa inconsistência de tal ponto de vista. Como é sabido, nas condições da limitação e da discriminação no comércio, a União Soviética, apoiando-se no desenvolvimento da ciência e da técnica nacionais, no poderio de sua indústria, criou os melhores modelos de armas, reconhecidas pelas próprias potências ocidentais. Nós não falamos sobre o comércio de armas, — que os países ocidentais não vendam armas, como também nós não pretendemos vender nossas armas. Nós também não pensamos em comprar armas. Trata-se de outra coisa — da normalização do comércio entre os países.

Para que então, são necessárias semelhantes discriminações e limitações no comércio internacional? Elas são necessárias a fim de manter o mundo em constante tensão, para, como se diz, sujar a água e pescar em águas turvas. Está claro que, em tal caso, os círculos dirigentes das potências ocidentais não se orientam por razões práticas, mas por outras completamente diferentes.

Eu citei somente algumas questões que, segundo nossa opinião, se pode considerar como prontas para a imediata discussão na reunião dos dirigentes dos Estados. Nós não excluimos também outras questões importantes, que poderiam ser discutidas no encontro dos chefes de Estado, num nível superior, e conseguir resultados positivos sobre estas questões. E' natural que, com o desejo de ambos os lados, se pode chegar a um acordo em muitas

questões. Mas, para que a reunião em nível elevado possa alcançar resultados positivos, é necessário reconhecer o estatu-quo, reconhecer que no mundo existem dois sistemas de estados — o socialista e o capitalista, reconhecer o princípio de coexistência pacífica, de não ingerência nos negócios de outros estados. Se tudo isso for reconhecido e os círculos dirigentes dos países ocidentais não quiserem resolver os problemas internacionais por meio da guerra contra os países socialistas, então não haverá nenhuma dificuldade em se chegar a um acordo sobre os problemas internacionais já amadurecidos, no interesse do fortalecimento da paz.

Mas, se não se reconhecer o estatu-quo, ignorar os estados socialistas, violar seus direitos e soberania, intervir em seus assuntos internos, então, é claro, é completamente impossível se chegar a um acordo. Tal política não é outra coisa senão a política das «posições de força», política de guerra. Mas, este meio já foi experimentado contra a União Soviética e, como é sabido, os partidários de tal política sofreram uma derrota completa. Assim foi, quando a União Soviética era o único país socialista. Com que, então, podem contar os imperialistas, agora, quando a União Soviética já não é o único estado socialista, quando com ela, no poderoso campo do socialismo, encontram-se a grande República Popular da China, todos os países socialistas da Europa e da Ásia, quando neste campo estão unidos quase um bilhão de pessoas. Só os desmiolados e aventureiros podem ignorar isto e pensar que mediante a guerra se pode resolver as questões internacionais. Se os imperialistas desencadearem uma nova guerra, então ela, inevitavelmente, conduzirá ao fim daqueles que a começaram. Os povos terminarão para sempre com aquele regime que traz à humanidade incontáveis sofrimentos e guerras sangrentas.

O governo soviético está pronto a examinar qualquer questão, orientada no fortalecimento da paz e no estabelecimento de maior confiança nas relações entre os estados, está pronto a discutir estas questões.

Em particular, o sr. Eisenhower levantou há pouco, em uma de suas intervenções, a idéia da necessidade da união de esforços da União Soviética e dos Estados Unidos da América para a luta contra tais pragas da humanidade, como o câncer, a tuberculose e a malária. Nós consideramos que se pode concordar com isto. Se poderia citar muitas outras questões, como, por exemplo, a luta contra a poliomielite, contra o sarampo, contra o morno, contra a afta. Nós realizamos com êxito a colaboração com o Iran e o Afeganistão na luta contra o sarampo. Existem não poucas questões sobre as quais nós não só não dificultamos a colaboração, mas esforçamo-nos de toda maneira para ampliar esta colaboração. Embora nem todos estes problemas sejam no momento, para nosso país, agudos e ameaçadores, mesmo assim estamos prontos a colaborar com aqueles países, nos quais tais problemas são particularmente atuais. Com grande satisfação nós uniremos nossos esforços com

os esforços de outros países na solução de semelhantes problemas.

Mas, compreenda-me, sr. presidente, não é sobre estas questões que a humanidade espera um acordo entre as grandes potências. Os homens de todos os países acompanham com esperança e ansiedade a solução dos radicais problemas nas relações mútuas entre os Estados. Eles esperam antes de tudo, o alívio da tensão internacional, para que os homens não sejam ameaçados com uma guerra destruidora, para que eles possam dormir tranquilos, para que não se apavorem em perder nesta guerra seus maridos, pais, filhos, esposas, mães.

Sobre isto é que precisamos pensar antes de tudo, pois pela solução dessas vitais e importantes questões, com inquietação e esperança, esperam todos os povos do mundo, espera toda a humanidade. (prolongados aplausos)

Camaradas! O governo soviético e o Comité Central de nosso partido sempre se colocaram e firmemente se colocam nas posições leninistas da paz e da amizade entre os povos, nas posições da coexistência pacífica dos Estados de sistemas sociais diferentes. Nós queremos a completa não-ingerência nos negócios internos de outros estados. Nós rigorosamente observamos e iremos observar este inviolável direito. E' necessário também, que todos os Estados, grandes e pequenos, respeitem a independência e a soberania de outros Estados, para que o melhoramento das relações entre os grandes Estados não se dê às custas dos pequenos Estados. De nossa parte, tudo faremos para a consecução destes nobres objetivos.

As forças que se manifestam pela paz e a amizade entre os povos já cresceram imensuravelmente e continuam a crescer. Na vanguarda destas forças estão os povos da União Soviética, da República Popular da China, de todos os países socialistas da Europa e da Ásia, estão os partidos comunistas de todos os países. O Manifesto da Paz, aprovado na Reunião dos representantes dos partidos comunistas e operários em Moscou, encontrou calorosa acolhida nos corações dos homens de todo o mundo. O apelo «Paz para o mundo!» tornou-se a verdadeira expressão dos anseios e esperanças dos povos de todos os continentes.

Precisamente por isso os círculos dirigentes de alguns estados são obrigados a mascarar seus verdadeiros objetivos. Fazendo planos de guerra, eles frequentemente, recorrem à fraseologia pacífica, para adormecer a vigilância dos povos.

Nestas condições, exige-se dos povos, um elevado grau de organização e coesão na luta pela paz, tenacidade e perseverança na manutenção e fortalecimento da paz em todo o mundo.

Orgulho de sua Pátria que realiza os grandes planos da construção comunista, o povo soviético, com uma inquebrantável fé em suas inesgotáveis forças, com passos firmes, segue para a frente da vitória em vitória. Guiados pelo caminho leninista, para o triunfo do comunismo, o grande Partido Comunista da União Soviética. (estrondosos aplausos)



CHOU EN-LAI CHEGA À COREIA

UMA Delegação governamental da República Popular da China, sob a presidência do Primeiro Ministro Chou En-Lai, chegou a Pyongyang, capital da Coreia do Norte, no dia 14 de fevereiro último. A visita da Delegação chinesa àquela república democrática da Ásia, foi atendida a um convite do governo da República Democrática Popular da Coreia. Na foto o Premier Chou En-Lai, o premier Kim Il Sung e o vice-Ministro do Exterior Chen YL no aeroporto da capital coreana

IMPERATIVO DO NOSSO DESENVOLVIMENTO

RELAÇÕES NORMAIS COM OS PAÍSES SOCIALISTAS

A questão da ampliação de nossos mercados exteriores, em o restabelecimento das relações comerciais normais entre Brasil e a União Soviética e demais países socialistas com os quais ainda não mantemos aquelas relações, continua na ordem do dia e no centro das preocupações de ponderáveis setores da opinião pública brasileira. A normalização das trocas comerciais entre a nossa pátria e os países do campo socialista tem ocupado lugar saliente nos debates que se tramam no parlamento nacional, nas assembleias legislativas estaduais e câmaras de vereadores das principais cidades do país, da mesma forma que continua a ocupar as colunas da imprensa brasileira que, em sua quase totalidade, manifesta-se favorável ao restabelecimento daquelas relações.

Por que assim acontece? Por que o estabelecimento de relações entre o Brasil e a União Soviética é hoje uma necessidade reconhecida e defendida pela maioria da nação, desde o homem simples que vive no campo ou nas fábricas, o grande negociante ou industrial, sejam eles comunistas, socialistas, pessadistas ou udenistas? Assim acontece porque o restabelecimento daquelas relações é, no momento que vivemos, uma necessidade do próprio processo de desenvolvimento da economia brasileira, e este desenvolvimento independente de nossa pátria, se coloca abertamente contra o tratamento das relações comerciais entre o Brasil e a União Soviética, China Popular e demais países socialistas.

Para que o desenvolvimento nacional se processe em ritmo rápido e de maneira independente, o nosso comércio exterior desempenha papel muito importante. E através dele, exportando nossos produtos, que o Brasil cria, amplia ou desenvolve, a sua capacidade de importar as máquinas e equipamentos industriais indispensáveis ao apressamento de nossa emancipação econômica, através da criação de uma sólida indústria de base.

INTERESSADA A MAIORIA DA NAÇÃO — ORIENTAÇÃO ERRADA DO COMÉRCIO EXTERIOR — INCISIVAS DECLARAÇÕES DE ARANHA E ALKMIN — TOMA POSIÇÃO O PARLAMENTO

Orientação Errada do Comércio Exterior

As nossas trocas comerciais com o exterior não vêm se orientando no melhor sentido, não seguem o caminho que melhor atenda às necessidades do desenvolvimento econômico independente do país. Habitua-mo-nos, por força de uma política exterior de subordinação de nossos interesses aos de outras potências, a negociar apenas com uma parte do mundo, exportando produtos que são do agrado dessas potências, e importando aquilo que nos querem vender, e nem sempre aquilo que precisamos comprar. A economia brasileira tem se desenvolvido, na verdade, como simples caudatária da economia de países estrangeiros, em particular e muito especialmente como caudatária da

economia dos Estados Unidos da América.

Há decênios que os Estados Unidos representam os maiores compradores de nossos produtos, e os maiores vendedores daquilo que importamos. Juntamente com meia dúzia de outros países, os Estados Unidos representam os mercados que absorvem mais de 50% de nossas exportações, de onde importamos quantidade equivalente de mercadorias.

Esses mercados tradicionais, a experiência de anos tem-nos mostrado, não têm capacidade de absorver todos os nossos produtos exportáveis, além de não criarem condições para maior diversificação em nossas exportações. Daí as nossas vendas ao exterior desses últimos dez anos, manterem-se estagnadas, quando não sofrem quedas bruscas

REPORTAGEM de *Jragmon Carlos Borges*

trazendo sérios prejuízos para o nosso desenvolvimento. A esse respeito, os dados abaixo são bastante ilustrativos:

Exportação do Brasil	
Anos	Valor em US\$ 1.000
1948	1.180.461
1949	1.096.468
1950	1.355.467
1951	1.769.402
1952	1.418.117
1953	1.539.110
1954	1.561.836
1955	1.423.216
1956	1.482.020

Agora, que os Estados Unidos estão atravessando grave depressão em sua economia, com as suas indústrias básicas trabalhando abaixo de sua real capacidade, e o desemprego alcançando a mais de 6 milhões de pessoas, a economia brasileira começa a sofrer as consequências da falsa orientação que vem sendo impressa ao nosso comércio exterior.



JOSE MARIA ALKMIN, Ministro da Agricultura, também favorável ao restabelecimento de relações comerciais com a União Soviética e demais países do campo socialista, com os quais ainda não negociamos



OSWALDO ARANHA, cujas declarações sobre a necessidade do Brasil reatar suas relações comerciais e diplomáticas com os países socialistas, tiveram a maior e mais positiva repercussão na opinião pública nacional

Por outro lado, a distribuição de nosso comércio exterior por áreas monetárias, revela uma situação mais comprometedoras. Grande parte de nossas trocas comerciais com o exterior são realizadas na base de moeda conversível. Os dados abaixo ilustram bem esta realidade:

Exportação do Brasil (US\$ 1.000.000)		
Ano	Moeda Conversível	Moeda Inconversível
1953	15.933	16.114
1954	11.020	17.655
1955	11.414	14.717

Desta forma, quase metade de nossas exportações estão na dependência do dólar. Isto significa dependência de nossa economia à economia dos Estados Unidos. Qualquer depressão ou crise na economia daquele país se reflete imediatamente e de maneira mortal sobre a economia brasileira. E o pior, é que as autoridades brasileiras teimam em conservar e desenvolver este estado quo, criando dificuldades à ampliação de nossas trocas comerciais na base de acordos bilaterais, por meio de trocas diretas de produtos.

Impossível, desta forma, continuar por mais tempo a ignorar a existência de mercados com cerca de um bilhão de pessoas, quase metade da população mundial. E não é apenas pelo aspecto quantitativo que devemos olhar os mercados socialistas. São mercados cujos consumidores possuem alto poder aquisitivo, e cujas economias se desenvolvem incessantemente, sem conhecer períodos de crise. Por tudo isto, é que o movimento nacional pro-relações comerciais com a União Soviética, a China Popular e demais países socialistas com os quais ainda não mantemos aquelas relações, se desenvolve sem cessar e ganha amplitude. Enquanto os dias passam e o governo vacila, tem-nos segurar o caminho que conduz aos interesses nacionais, novas manifestações vêm a público exigindo o imediato restabelecimento daquelas relações.

Reafirma o Ministro Alkmin

O Ministro da Fazenda, sr. José Maria Alkmin, que havia se manifestado há alguns meses de maneira favorável as relações comerciais entre o Brasil e a União Soviética, deu na última semana importantes declarações à imprensa sobre o mesmo assunto.

— O problema de relações com a União Soviética e os demais países do leste europeu, disse, tem dois aspectos: o político e o comercial. O político não é de minha alçada. Do ponto de vista comercial sou favorável ao restabelecimento de relações

(Conclui na 11.ª pag.)

Por Uma Vitória das Forças Democráticas Nas Eleições de 58

MANIFESTO DO COMITÊ REGIONAL DO P.C.B. DO RIO GRANDE DO NORTE

Recebemos:

«Tendo em vista a importância das eleições de 1958 para os destinos do Rio Grande do Norte e levando em conta as responsabilidades dos comunistas e de todas as patriotas nesta luta política, o Comitê Regional conclama a classe operária, a juventude estudantil, as donas de casa, os intelectuais, o grande número de servidores públicos, os homens da indústria, comércio e do campo a tomarem parte ativa na campanha eleitoral, com o fim de trazerem ao debate público as suas reivindicações, a fim de que, na base da elaboração de uma plataforma de unidade, escolham no próximo pleito os seus dirigentes políticos.

Vivemos um período histórico, em que nos mais diversos partidos e correntes de opiniões, em nosso país, existem homens dedicados aos problemas da coletividade. Os povos que almejam a paz e o progresso em todo o mundo já mobilizaram forças capazes de impor sua vontade aos provocadores de guerra. Na atual conjuntura política, o povo brasileiro mobilizado na luta pelos seus anseios, pode forçar os governantes a mudar, num sentido progressista, a política interna e externa do país dentro da legalidade democrática. A poderosa luta nacionalista ganha as massas dia a dia e tornou-se um movimento unitário capaz de derrotar o entreguismo e os defensores de uma política antipopular e de terror contra as massas.

A eleição do maior número de candidatos nacionalistas e de homens do povo, nas eleições de Outubro, pode determinar uma composição democrática e progressista nas Casas Legislativas, as quais por sua vez tratarão de aprovar leis que impulsionarão os governos na realização de uma política de paz, democracia e progresso, em favor de nossa pátria.

Povo norte-riograndense!

Existem todas as condições para o êxito de uma política que venha proporcionar um melhor desenvolvimento econômico do nosso Estado e para a melhoria das condições de vida das grandes massas trabalhadoras e operárias. As fontes de riquezas de nossa terra, mesmo dentro dos métodos rotineiros de produção, têm oferecido margem ao aumento da renda estadual, de escala, podendo determinar a baixa dos preços dos gêneros básicos de alimentação do povo. O algodão Mecó é um produto vantajoso ao cultivo em nosso clima e de grande aceitação no mercado nacional. A xilita, gesso e o sal são outras fontes de rendas importantes e garantem um elevado índice de emprego às massas trabalhadoras do interior. Possuímos longas e ricas costas marítimas, que possibilitam o desenvolvimento da pesca em melhores condições e podem assegurar uma existência condigna ao homem do mar.

Somos um Estado em que não se justifica o precário nível de vida existente, nem a humilhante condição de mendigo do poder central a que chegamos. Torna-se necessário um esforço conjugado de todos os cidadãos amantes do progresso para que nossa terra deixe de ser um Estado superado economicamente por 15 Unidades da Federação Brasileira.

Há, portanto, necessidade de se fazer da próxima campanha eleitoral um instrumento de luta pela solução de muitos problemas do nosso povo. O voto é, assim, a grande arma que se apresenta para condenação da criminoso política de desprezo das nossas questões econômico-sociais, até hoje seguida pela maior parte dos homens que têm sido eleitos para defender nossos destinos. O povo potiguar precisa de unidade, acima de tudo. A falta de uma frente única das forças democráticas em eleições passadas tem propor-

cionado aos políticos reacionários a oportunidade de se elegerem, para realizarem seus intentos anti-progressistas e tirarem vantagens pessoais.

Os comunistas do Rio Grande do Norte lutarão pela organização de todos os candidatos patriotas, pertencentes a quaisquer correntes partidárias, numa aliança eleitoral nacionalista e estão dispostos a indicá-los ao povo e trabalhar pela sua vitória nas urnas, na base da aceitação do seguinte programa, a ser debatido e ampliado:

I — Pelo aproveitamento dos vales úmidos e secos a base de pequenas propriedades, organizadas em cooperativas de produção, sob o amparo do Ministério da Agricultura do governo do Estado.

II — Pugar junto ao Banco do Brasil para que seja adotada uma política de preços mínimos garantidos aos produtores de algodão e pelo crédito condigno nas entre-safras às firmas compradoras norte-riograndenses.

III — Adoção de medidas que venham proporcionar o financiamento, câmbio especial para aquisição de máquinas e preços garantidos aos proprietários de minas de xilita e outras riquezas minerais do Estado.

IV — Por medidas concretas que venham possibilitar o aumento das quotas-letas na produção das salinas, assim como a facilidade de transporte marítimo para escoamento das safras.

V — Pela dispensa de impostos do Estado e Município a todos os industriais que queiram instalar empresas, empregando mais de 50 operários e por uma política de crédito e de aplicação controlada pelos órgãos competentes, a todos pequenos industriais que utilizem mais de dez operários devidamente legalizados.

VI — Luta pela organização de uma sociedade à base de ações, subscrita pelo Estado, Municípios, e particulares, a fim de criar fundos financeiros para tornar real e urgente a vinda da energia de Paulo Afonso.

VII — Abertura de nossos portos a todos os países, sem discriminações políticas ou ideológicas.

VIII — Defesa de um Salário Mínimo capaz de fazer face às necessidades dos trabalhadores da cidade e do campo; pelo direito de greve, com a revogação do decreto 9870 e pela extensão da Legislação Trabalhista ao campo.

IX — Apoio à «Petrobrás» e defesa das demais fontes de riquezas nacionais.

X — Pelo cumprimento da Constituição e luta contra todas as discriminações políticas e ideológicas, que venham afetar a manifestação do pensamento e a livre organização dos brasileiros.

Norte-riograndenses! E na base de uma discussão ampla destas e outras questões com as correntes políticas e com o povo, que se formará e se fortalecerá um movimento eleitoral capaz de levar aos postos de mando homens honestos e trabalhadores pela causa pública.

O Comitê Regional confia em que todos os organismos do Partido, seus militantes, bem como nossos simpatizantes e amigos, tudo farão para levar a presente orientação à prática.

— Tudo pela eleição dos candidatos da aliança eleitoral nacionalista!

— Pelo progresso do nosso Estado e do nosso povo!

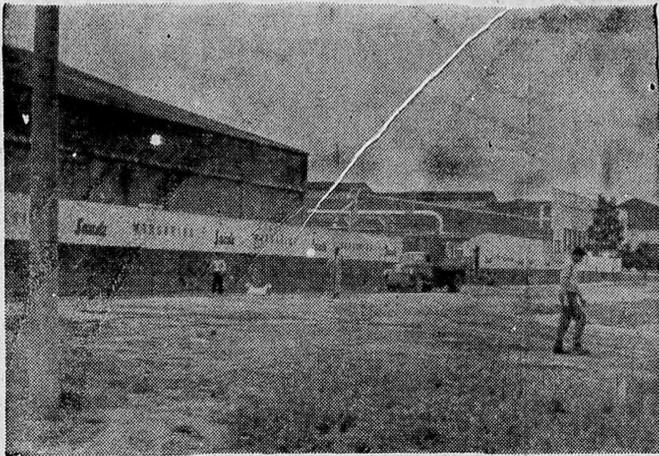
— Abaixo as forças de entreguismo e da reação imperialista e da guerra!

— Queremos o cumprimento da Constituição, com a legalidade do Partido Comunista!

— Viva a Paz!

COMITÊ REGIONAL DO P.C.B. DO RIO GRANDE DO NORTE — Março — 1958.

ENFRENTA O POVO PAULISTA



Fábrica de óleo Saúde de Anderson Clayton

O Estado Cobra Imposto Por Serviço Que Não Existe!

UM PONTILHÃO RECEBE ÁGUA DA CHUVA E TORNA INSU-PORTÁVEL A VIDA DO POVO — TODOS PROMETERAM NAS ELEIÇÕES RESOLVER O PROBLEMA — UMA EMPRESA DE ÔNIBUS QUE SERVE MUITO MAL — O POVO SE ORGANIZA EM ASSOCIAÇÕES DE AMIGOS

COMO se sabe, antes das eleições, certos candidatos assumem toda a espécie de compromissos com o povo, com a grande maioria de eleitores. Foi o que ocorreu nas últimas eleições municipais em Vila Anastácio, capital de São Paulo.

Uma promessa que todos os moradores do pontilhão contra operário anotaram foi a que lhe fizessem os candieiros: se eleitos, resolveriam o problema analfabeto da canalização das águas. Os canos realmente foram colocados pelo governo do Estado, mas o que se verifica é que até agora não foram ainda usados para o fim natural a que se destinam, apesar dos moradores terem feito chegar aos poderes públicos suas queixas e estarem pagando imposto por um serviço que não existe!

No caminho da Lapa para Vila Anastácio há um pontilhão sob o qual trafegam centenas de caminhões, ônibus e outros meios de transporte. O que a população deseja é que não continue um estado de coisas insuportável. Quando chove, o pontilhão fica alagado, o que obriga os pedestres e os que se transportam em viaturas a fazerem um percurso imenso, atrasando-se no horário de entrada no emprego, como acontece com os operários da Anderson Clayton, localizada nessa região. Essa situação é agravada com a incúria da empresa de transporte "Gatão" que refere ter poucos e superlotados ônibus na hora de maior movimento, a promover esforços para melhor servir à população. No primeiro caso, o governo alega que não tem con-

dições de fazer passar os canos por baixo do pontilhão e no segundo percebe-se o desejo da empresa de auferir lucros fabulosos às custas do bem-estar público.

LUTA O POVO

O povo porém não fica indiferente à situação. Ele luta. Suas organizações populares, como a Sociedade Amigos de Vila Anastácio, Sociedade Pró-Melhoramentos de Vila Piauí, Sociedade Amigos de Vila Mangalot, Sociedade dos Conselheiros de Vila Jaguara entre outras tantas representativas da população do centro ligados ao bairro da Lapa, vem movimentando associados e amigos, em campanhas de repercussão. Algumas vitórias foram conquistadas e outras estão para vir.

O QUE ACONTECE NA ANDERSON CLAYTON

A Anderson Clayton é uma empresa norte-americana e explora a manipulação do óleo vegetal, artigo de consumo forçado pela população.

Atualmente está reduzida a 600 operários, quando recentemente possuía perto de mil trabalhadores. Essa redução se explica facilmente. E que com a adoção do ritmo infernal de trabalho, como é habitualmente conhecido pelos trabalhadores o moderno método de exploração do trabalho operário os trabalhadores da empresa são forçados a uma produção excepcional, sem que disso lhes advenda vantagem alguma. O salário médio corresponde ao mínimo, pois bem poucos são os operários que percebem me-

lhor remuneração. Os trabalhadores, graças às suas lutas, obtiveram ultimamente um aumento de Cr\$ 1,90 por hora. Essas lutas desenvolveram-se, apesar das perseguições que levaram alguns operários a ser despedidos da seção de enlatamento. Como ocorre nos frigoríficos, na Anderson Clayton não é paga a taxa de insalubridade nas câmaras de frio.

Não se reduz porém a exploração de seus trabalhadores a ação desse truste norte-americano. O próprio povo tem sido prejudicado, pois todos se recordam que vários produtos da Anderson Clayton foram retirados do mercado, por imprestáveis para

o consumo. Isso ocorreu, por exemplo, como o Óleo Rita e a manteiga Margarina, de sua fabricação.

ORGANIZAM-SE OS TRABALHADORES

Mas os patrões americanos da Clayton não levam sempre a melhor.

Os trabalhadores estão organizados em seu sindicato, e cada dia é maior o número daqueles que entendem a importância de sua organização de classe, pela inscrição, comparecendo às reuniões, participando das eleições e dos grandes movimentos sindicais do país. Isso ocorre apesar das campanhas de desmoralização feitas pelos patrões americanos.

Como São Explorados no Frigorífico Armour os Homens Que Ali Trabalham

SE COMPULSAMOS alguns dados publicados pela revista "Brasil de hoje", do Rio de Janeiro, verificaremos ser o Frigorífico Armour uma das mais importantes empresas do setor da carne. As tentativas do governo brasileiro de exercer controle sobre esse frigorífico não têm sido coroadas de êxito. Por ocasião da última guerra mundial, a população, principalmente de São Paulo e do Rio, viu a carne essencial à sua alimentação, desviada para os exércitos em luta. Os frigoríficos, sem tomar conhecimento da situação do consumidor, auferiram dessa maneira lucros fabulosos. Os brasileiros do sul passaram então a alimentar-se com a carne adquirida na Argentina.

LUCROS FABULOSOS

Para que tenhamos uma idéia precisa dos lucros dos frigoríficos anglo-norte-americanos aqui instalados, oferecemos ao leitor os seguintes dados: (1944-1954) — em milhão de Cr\$:

	Lucros	capital
Wilson	215.194	320.000
Anglo	417.107	490.000
Armour	126.853	150.000
Swift	400.000	254.677
	1.259.154	1.184.607

Como se vê, a percentagem média de lucro, sobre o capital, é de 110,9 por cento.

EXPLORAÇÃO DA CLASSE

OPERAÇÃO

Se por um lado, os frigoríficos arrancam lucros fabulosos nas costas do povo, é na exploração de seus trabalhadores que eles encontram um grande campo de operações. É o caso do Frigorífico Armour, de Vila Anastácio, além do bairro da Lapa, na capital paulista. Ali o trabalho racionalizado conduz trabalhadores ao desemprego, pois na seção de triparia, em lugar de 10 operários funcionam agora apenas sete. Em outras seções as reduções foram ao ponto de um só operário ficar tocando o trabalho antes atribuído a cinco. Outras formas de pressão, além do tratamento brutal para com as mulheres — geralmente tratadas a grito — são usadas pelos patrões da Armour. Em algumas seções o trabalho é realizado em tarefas e os empreiteiros a fim de que sua produção aumente, descarregam nas costas dos diaristas e mensalistas o peso da atividade. Assim sendo, opera-se uma modificação no salário-hora, que passa a ser salário-tarefa: três pessoas trabalhando fariam um salário hora de Cr\$ 60,00 e como salário-tarefa passam a ganhar Cr\$ 21,00 ficando ainda a empresa livre do pagamento das férias, etc. Isto é o resultado das atividades anti-operárias de uma comissão de técnicos norte-americanos, que investem também contra os chefes de seção, criando na empresa um clima de insegurança e mal-estar.

Racionalização do serviço para desempregar operários e aumentar a renda da empresa — Os chefes de seção são atingidos pelas medidas patronais — Os operários organizam-se na empresa e no sindicato para enfrentar a ação do truste norte-americano — Grande confiança no Povo e nas eleições de abril

trabalhar, gratuitamente, mais seis horas por dia, o que vem determinando uma boa movimentação em torno do sindicato da categoria, que reúne trabalhadores dos mais modestos e aqueles mais qualificados.

A consciência de classe dos trabalhadores, em face dessa exploração, cresce dia a dia. Os trabalhadores em frigoríficos de São Paulo vêm realizando grandes assembleias através das quais procuram examinar a situação que enfrentam nas empresas e a maneira de derrotar os patrões. Graças a esse espírito de luta é que ultimamente conquistaram 25 por cento de

res vêm também empregados no sentido de suas reivindicações. A experiência é boa e permite melhor união entre os trabalhadores de frio e todas as categorias. Nas seções estão sendo constituídas em torno dos delegados, amplas comissões de luta. Essas comissões vão converter-se diretamente com os patrões, pleiteando soluções para os mínimos problemas da empresa. aos problemas referentes à melhoria salarial.

O CAMINHO DA UNIDADE

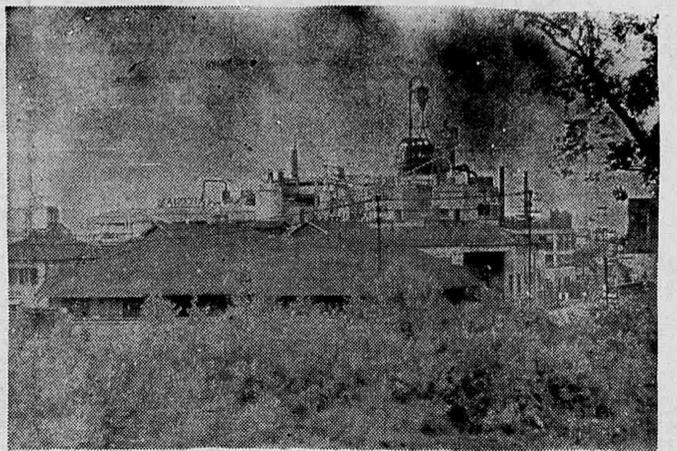
Mas se há essa exploração impiedosa, como vimos, é certo também que os trabalhadores manifestam a cada passo grande confiança no Pacto de Unidade Inter-Sindical, a vitoriosa organização do pro-

Jose. Há dois anos vários trabalhadores são prejudicados na seção de frios, porque o Departamento do Trabalho não designou os médicos necessários para o exame das condições locais de trabalho. Muitas doenças têm atacado os trabalhadores, principalmente aqueles que funcionam no frigorífico Armour. A sinusite, o reumatismo, atacam sistematicamente trabalhadores a partir de dois anos de serviço.

NO FRIGORÍFICO SWIFT

No Frigorífico Swift há sérios problemas pendentes há bastante tempo. Um deles é o da salubridade, pois o trabalho nas câmaras de frio, sem proteção, leva à tubercu-

letariado paulista. Em abril, os trabalhadores em frio vão realizar eleições no seu Sindicato. Será renovada a diretoria. Novos valores surgirão para conduzir os trabalhadores a lutas por melhores condições de vida. Combativos líderes do setor são vistos junto aos seus companheiros, aconselhando-os, organizando-os, defendendo-os os diretos. O clima reinante entre os homens e mulheres do frio é de grande confiança nos dias que correm. Eles compreendem que o caminho mais curto para a vitória é aquele que se tem com a unidade. Lutam assim pela união de todos. Dão um grande exemplo aos seus irmãos de outras corporações, servem o exemplo dos têxteis e dos metalúrgicos, entre outros. Reforçam o seu sindicato de classe e emunham com firmeza a bandeira de seus interesses de classe. Já percorrem o caminho largo da vitória.



Vista geral da "Refinaria Milhos Brasil"

O Caso do Latifúndio da Cia. Armour

HOUVE na Lapa, em julho do ano passado, um CONGRESSO DAS SOCIEDADES DOS AMIGOS DOS BAIRROS DA LAPA E ADJACENTES. Nesse Congresso, foi apresentada e aprovada para discussão a questão do chamado latifúndio da Cia. Armour. A questão foi apresentada pelo sr. José Maria Dias, juiz e jornalista.

Entre outros dizeres dizia o projeto: «Sugere-se devida a questão do chamado latifúndio da Cia. Armour. Trata-se da grande mata que paralisou o progresso da Lapa à margem esquerda do Tietê.

Também os vereadores Ernando Marchetti, professor Monteiro e Barbosa Lima, interessaram-se pelo assunto, e o Ivaram à Câmara Municipal de São Paulo.

A sugestão apresentada pela Tribuna de São Paulo e pelas personalidades acima consistia em que a mata seria desapropriada em benefício da população, para moradias, campos de esporte, Clube dos Menores, Cooperati-

vas de Verdureiros, etc. Sugeria-se ainda que essa delatido o assunto em plenário no Congresso da Sociedade de Amigos de Bairros, ora instalados.

Tem-se destacado nesses debates os srs. Julz José Dias e o jornalista Laureano Fernandes Júnior. Argumentam eles, dizendo que a Lapa cresceu até a margem esquerda do Tietê. Ali parou. Até o Anastácio, tudo é vida. Dall para diante existe o latifúndio da Armour e há seis quilômetros de mata até Piratuba. Para chegar até Piratuba, formando sua cadeia de progresso, a Lapa teve de abrir o Piquiri, a Vila Bonilha, a Vila Pereira Barretos, etc. dando uma grande volta pelo lado direito da Estrada de Ferro Santos-Jundiaí. Do lado esquerdo da ferrovia há o quisto verde stujo da Cia. Armour.

É lógico que a Armour, rica demais, apenas se interessa pela valorização dos seus terrenos, pouco lhe importando o progresso de São Paulo. Que São Paulo cresça em vol-

da Cia Armour, formou-se a Vila São Domingos.

No meio disso tudo há um poço negro de paralização. Há a mata da Cia. Armour o latifúndio que amarra o progresso, o quisto verde-estivo que desafia a paciência do povo e dos trabalhadores, sem casa para morar e com transportes distantes, caros, incômodos e difíceis.

Em pleno coração proletário de S. Paulo, os três monstruosos americanos e o bárbaro latifúndio símbolo de dominação estrangeira, que os brasileiros extinguirão.

Os Patrões Defendem Seus Lucros

A "Refinaria de Milhos Brasil", grande empresa norte-americana situada em Vila Anastácio, detém o monopólio dos produtos de milho: maizena, óleos de milho, farelo, farinha, mangu e amido. Assim, está em mãos de uma empresa estrangeira esse importante setor da alimentação de nosso povo, o mesmo ocorrendo com a carne e os óleos vegetais. E, como é regra das empresas imperialistas que aqui operam, são fabulosos os lucros obtidos.

Apesar disso, seus trabalhadores, em sua maioria vindos do norte do país, são cruelmente explorados. A maioria é de mulheres, com salários de Cr\$ 17,80 e Cr\$ 19,80 e somente através de duras lutas contra os patrões estrangeiros, conseguiram um aumento de 10% em janeiro último. Há grande descontentamento entre os seus 800 operários, pois os salários oscilam entre 4.000 e 4.500 cruzeiros. Para manter essa política reacionária, a diretoria recorre aos que os operários chamam de "política de porta fechada", isto é discutir e tentar resolver sempre "às portas fechadas" com o atual presidente do sindicato, prejudicando-se assim os interesses dos trabalhadores.

A resposta dos trabalhadores a essa política tem sido reforçar sua unidade no sindicato, ingressando em seu quadro social. Assim se fortalece a consciência sindical e se obtém a força necessária para ver vitoriosas as suas reivindicações mais imediatas.

Suspendem as medidas repressivas contra aqueles operários que por qualquer circunstância esquecem de marcar o cartão e perdem o dia (embora disponham de todas as provas, inclusive dos chefes de seção), exigem que sejam pagas aos dispensados, 240 horas, como prevê a C. L. T., ao invés das 200 que vêm sendo pagas; conquistam para os 200 operários da seção de "molhados" e do enzofo, a necessária proteção contra os ácidos e a umidade; exigem o leite necessário, egualinhos, máscaras, e macacão, para a seção de descarga do milho.

Prejudicando os sentimentos de família tão característicos dos brasileiros, os norte-americanos, cegados pela ânsia de lucros, impõem hábitos e costumes estranhos à nossa gente: dia de luto, só é permitido falar quando se trata dos irmãos e filhos.

DIREITO DE GREVE - VÓRIA PARA O TRABALHADOR

Importante vitória alcançou o proletariado paulista, com a aprovação unânime, pela Câmara de Deputados do projeto de lei que regulamenta o direito de greve.

Reivindicada antiga, constando obrigatoriamente de todas as assembleias sindicais, conferências e congressos, a garantia do livre exercício daquele importante direito constitucional, vinha sofrendo até agora toda sorte de obstáculos. Por várias vezes, ante a ameaça dos patrões de recorrer à arma legítima da greve, acesos os patrões e o Ministério do Trabalho, com o caducato de 9.070, repudiado por milhões de operários em todo o país, através de grandiosas manifestações.

Recentemente, ao ser desafiada a greve é a intervenção dos marítimos, chegou-se inclusive a considerar a greve pelo cumprimento de leis e estatutos há muito aprovadas.

Múltiplas categorias profissionais, artificialmente excluídas de "serviço público", estavam proibidas de recorrer à paralisação, sob a falsa alegação de que isso acarretaria danos irreparáveis à economia nacional. Em caso dos ferroviários, marítimos, bancários, servilistas e outros.

Assim, apesar das lutas cada vez mais vigorosas em defesa de seus interesses e da anulação da prática de 9.070, continuava este a pairar como uma ameaça constante sobre a cabeça dos operários. Agora, o art. 11, do projeto que acaba de ser aprovado, diz textualmente que ficam revogados o decreto-lei nº 9.070 e todas as disposições em contrário.

Silvio Sanson e Rogê Ferreira. Essa decisão teve enorme repercussão nos meios sindicais, que aguardam, agora, manifestação idêntica por parte do Senado Federal e sanção da lei até 1º de maio, de acordo com promessa formal do presidente da República.

O texto do projeto assegura, de maneira ampla, o direito de greve aos trabalhadores de qualquer categoria profissional, em defesa de reivindicações econômicas, ou como demonstração de solidariedade. Considera justa a greve, sempre que expirado o prazo previsto para atender aos reclamos dos trabalhadores.

Pontos importantes do projeto aprovado são aqueles que permitem a organização de piquetes junto aos locais de trabalho, para coleta de auxílio ou propagação do movimento e a afirmação de que ninguém será dispensado do trabalho por motivo de greve.

Para pôr cõbro às frequentes violências e arbitrariedades cometidas contra os trabalhadores em greve, fica determinado, no art. 11 do novo projeto, que "toda a autoridade policial ou administrativa que impedir ou tentar impedir o livre exercício do direito de greve será sumariamente afastada do cargo."

Por essas razões é que alguns dirigentes sindicais de importantes corporações profissionais já se manifestaram pela imprensa, aprovando a atitude da Câmara Federal e destacando a atuação dos deputados que se vinham batendo em defesa desse direito essencial dos trabalhadores.

Agora, torna-se necessário assegurar a aprovação do projeto pelo Senado e lutar junto ao Sr. Juscelino Kubitschek para que a torne lei até o dia 1º de maio, data do trabalhador.

O PROJETO APROVADO

A regulamentação do direito de greve, prevista quando da elaboração da Constituição — em 1946 — em tempo, de. Durante todo esse tempo, os trabalhadores insistindo por sua necessidade, apresentaram o projeto pelo deputado Aurélio de Faria, constituindo-se rapidamente em base de debate e apresentadas inúmeras sugestões, no intuito de melhor aos interesses das massas trabalhadoras.

Finalmente, foi aprovado por unanimidade o projeto apresentado pela Comissão de Legislação e Jurisprudência da Câmara de Deputados, aceitando a fórmula Aurélio de Faria.

VITÓRIA DA DEMOCRACIA

A revogação do 9.070 e o reconhecimento pleno do direito do trabalhador, de qualquer categoria, de recurso à greve como forma de protesto e de luta por suas reivindicações, constitui uma significativa vitória das forças democráticas em nosso país, na atual conjuntura política. É mais uma derrota para os elementos reacionários e entreguistas, que temem o ascenso das lutas operárias e a participação cada vez mais intensa das massas trabalhadoras na decisão dos grandes problemas nacionais.



Frigorífico Armour

INUMEROS PROBLEMAS

A RECESSÃO DOURADA

Na semana de Natal outro meio milhão de norte-americanos — exatamente 550.995 — apresentaram o pedido de subsídio de desemprego: mais do que qualquer semana de 1938, ou seja do ano em que foi instituído tal subsídio. Assim, o número de desocupados que, em princípios de dezembro atingia cerca de três milhões e duzentos mil, no fim do ano quase atingia à cifra de quatro milhões, que estava prevista somente para o mês de fevereiro. Além disso, espera-se que tal cifra continui subindo, superando os cinco milhões em fins de junho.

Segundo os economistas norte-americanos o ponto crítico do desemprego é o da cifra de seis milhões, ultrapassado o qual a reabsorção se tornará problemática. Chegar-se-á a isso no curso deste ano? Ninguém pode excluí-lo com base nos fatos. Em dois meses os elementos da depressão econômica, ou "recessão", que é o termo usado, manifestaram-se um após o outro com impressionante pontualidade, fornecendo um quadro que — segundo o homem mais qualificado para exprimir tal juízo, — Emerson Schmid, chefe da seção de estudos da Câmara de comércio dos Estados Unidos, — apresenta aspectos mais graves do que aqueles que se manifestaram em 1949 e em 1954.

O aumento do desemprego, que tornou amargo o Natal para tantas famílias norte-americanas, origina-se de um mal que por sua vez tende a crescer em espiral: a crise do consumo. As vendas a varejo diminuíram de 2% no exato momento em que deveriam aumentar, enquanto os preços, de junho a novembro, subiam de 4%. Os produtores de automóveis, que lançaram ao mercado, como de costume, os seus novos modelos 1958, para alcançar os compradores de fim de ano, concluíram que haviam errado em seus cálculos e tiveram de reduzir a produção de dezembro de 619.000 automóveis para 577.000 e a projetada para o primeiro trimestre de 1958 de 1.820.000 para 1.717.000. A perspectiva para todo o ano é de redução de 6.100.000 para 5.800.000.

A indústria automobilística é comercialmente a mais importante dos Estados Unidos e os fabricantes se tinham inspirado na tendência otimista que caracterizara a vida norte-americana nos últimos dois anos, antes do imprevisto abalo final: carros incrivelmente longos, de cores vivas, com enormes caudas, cheios de invenções para atingir aquele objetivo antes psicológico do que técnico como o "push-button drive", a direção semiautomática. Naturalmente aumentaram também os preços. Assim a Ford investiu trinta milhões de dólares no novo modelo da sua "Thunderbird", fixando-lhe um preço acrescido de duzentos dólares sobre o do tipo precedente.

Tais aumentos pareciam justificados pelo fato de que os salários horários básicos haviam sido aumentados de cinco centésimos de dólar de janeiro a dezembro. Entretanto os compradores não se apresentaram na medida necessária. Em particular estes evitaram aumentar as suas despesas tanto

Ninguém esconde, nos Estados Unidos, a existência de uma crise — É chamada "recessão" e definida como dourada porque o aumento do dinheiro em circulação alimenta na opinião pública a ilusão da prosperidade sem fim — Na realidade em muitos setores já se verificou uma contração da produção e o número dos desempregados aumenta em proporção alarmante.

de Francesco PISTOLESE para a revista italiana "Vie Nuove"

que os novos débitos contraídos pelos compradores não superaram em 1957 o valor de 1,8 milhões de dólares, contra 3,2 milhões do ano precedente. A indústria automobilística foi a primeira a encontrar-se em maus lençóis: a Ford dispensou 5.000 operários, enquanto a Chrysler introduziu a semana de quatro dias na sua seção "Dodge". Nas duas últimas semanas do ano, 60.000 operários da Chrysler e 35.000 da Ford permaneceram em casa.

Dos automóveis a crise passou para as aciarias, que nesse período trabalham com 68% da sua capacidade. Mas também os produtores de petróleo reduziram a produção de 5%. O número das novas construções de casas de moradia ficou abaixo do milhão pela primeira vez desde 1947. O índice de conjunto da produção industrial diminuiu de 6 pontos de agosto a novembro, as instalações industriais em conjunto estão sendo utilizadas em 82% de sua capacidade.

A essas e outras cifras semelhantes opõem os negadores da crise aquelas que se referem ao ano de 1957 em conjunto, aos 6.400.000 aparelhos de televisão vendidos, ao índice máximo de emprego obtido, de 67,2 milhões de operários, às altas cifras da produção e sobretudo ao fato que os lucros realizados não parecem ser inferiores àqueles do ano passado (recorde), de 43 bilhões de dólares antes do pagamento dos impostos e de 21 bilhões com os impostos pagos, enquanto os dividendos distribuídos aos acionistas, na altura de 12 bilhões, são superiores também aos de 1956.

Efetivamente os sinais da "recessão" manifestaram-se no ápice de uma curva ascendente, característica de prosperidade sem precedentes: "A prosperidade — escreve o semanário "Time" — se tornou um aspecto da vida norte-americana de tal modo que muitos aguardavam o constante crescimento dela com a mesma regularidade com que esperavam o dia do pagamento". Havia sido criado o mito da prosperidade sem fim e é de notar-se que não poucos autores já tendiam a teorizar a definitiva superação das crises cíclicas na economia capitalista. Nestas tentativas distinguiram-se particularmente, na Europa, nos últimos dois anos, os social-democratas como o inglês Strachey. Tal disposição psicológica, largamente difundida nos Estados Unidos, não faz senão aumentar, che-

gando a formas de pânico, os reflexos que os novos sintomas da depressão suscitam nos círculos financeiros e no público norte-americano. Não obstante, esses sintomas são a consequência necessária de uma contração de fundo da economia dos Estados Unidos: aquela clássica entre a produção e o consumo. Tal contração tinha permanecido mascarada, no curso dos últimos dois anos, com a campanha organizada pelos produtores para facilitar as compras, sobretudo por parte das camadas médias convidando-os a comprar seja através da propaganda, seja com um aumento de disponibilidade de dinheiro. A onda inflacionária que daí derivou, e que acarretou a perda de dois pontos no valor do dólar, suscitou afinal os temores e a reação de William Mc Chesny Martin, presidente do "Federal Reserve Board", autoridade máxima monetária, que estabeleceu algumas restrições de crédito obtendo, entretanto alguns efeitos negativos: ascensão constante dos preços no varejo e de outro lado são aumentados os custos de produção (de 6% para os produtores médios e de 4,5 para os grandes), o que acarretou uma nova onda inflacionária.

O fato é que a contração entre a produção e o consumo não pode ser superada pela inflação a qual tende a restringir ao invés de alargar, o círculo dos consumidores. Para que ao aumento da produção corresponda o aumento do consumo é necessário um requisito intermediário, que só pode ser a redução dos preços, única maneira de levar-se a mercadoria a um maior número de compradores. Mas os produtores de automóveis norte-americanos continuam a voltar-se para aqueles que podem trocar de carro a cada ano, por um novo modelo, ao invés de se voltarem para os que não possuem carros. E por isso que fatalmente as suas vendas devem diminuir. De outra parte os tipos de carros que eles produzem e consequentemente as suas cadeias de montagem, as suas instalações, os capitais investidos, tudo está em função daquele mercado particular, o qual uma vez saturado eles não poderão fazer outra coisa a não ser fechar os portões e dispensar os operários.

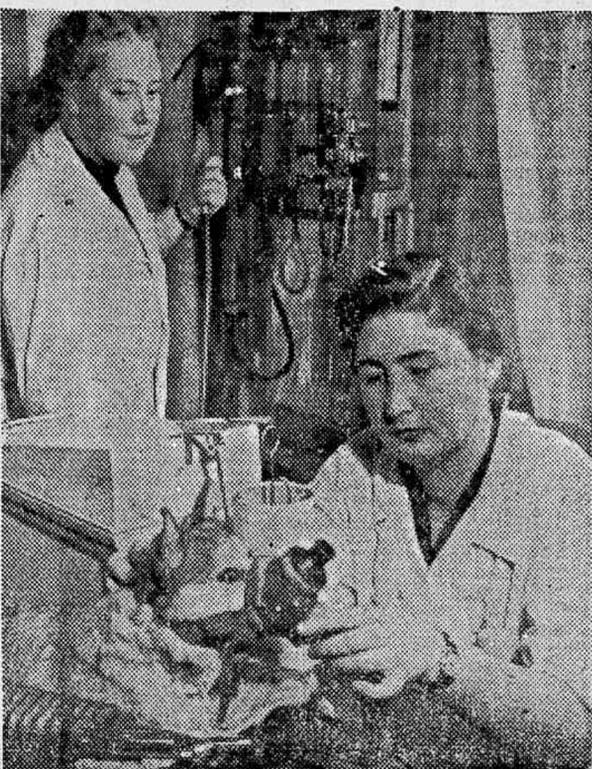
Existe ainda um problema de investimentos na base da crise do consumo: estender o mercado exige novos investimentos. Mas investir pouco e manter altos os preços é o meio para obter os mais altos lucros, eis a regra dos industriais norte-americanos, como dos outros países capitalistas. Estabelecida tal regra, não pode deixar de sobrevir a "recessão" a um prazo mais ou menos obrigatório. Os grandes da economia norte-americana afirmam estar em condições de controlá-la e dizem alguns que se trata de uma "recessão planificada", aludindo às medidas antiinflacionistas do "Federal Reserve Board". Mas a verdade é que os meios para controlá-la foram já utilizados até os limites de rutura e não há certeza de que possam ainda ser eficazes, pelo que até as perspectivas mais desastrosas devem ser consideradas.

Quando falam de controle da recessão, os "boss" da economia norte-americana entendem, em substância, o recurso ao dinheiro público, aos impostos dos contribuintes, às encomendas estatais, isto é, às despesas improdutivas: ao imenso desfogo que eles encontram na possibilidade de vender mercadorias que não incidem no consumo, que não satisfazem qualquer necessidade dos cidadãos em particular, como são os tanques, os aviões de combate, os teleguiados. Mas desse desfogo eles se aproveitaram constantemente e em medida crescente em todos esses anos, no curso dos quais a política do "risco calculado" de Foster Dulles continuou a solicitar orçamentos militares superiores a trinta bilhões de dólares, até aos 38,5 bilhões do ano financeiro em curso. Para o próximo ano financeiro, que começará a 1º de julho, Eisenhower pediu ao Congresso despesas militares montando a 41 bilhões de dólares, sem precedentes em tempo de paz. Mas poderá esta enorme cifra ser aprovada pelo Congresso e imposta aos contribuintes, em uma situação internacional na qual se manifestam relevantes forças, como já no passado, a favor da distensão e da coexistência pacífica? Numa situação em que a corrida aos armamentos não pode ser continuada sem tornar-se corrida ao suicídio?

Alguns expoentes da indústria, bem conhecidos na política, como o ex-secretário da Defesa Charles Wilson e o ex-diretor do plano Marshall, Paul Hoffman, já deram indícios de que compreendem a impossibilidade de continuar a corrida aos armamentos.

Todavia é ainda esta a única via que conservam os monopólios industriais norte-americanos para controlar a recessão. As encomendas militares representam para eles, na fase atual, a fonte orgânica de financiamento das novas instalações, sem as quais estariam condenados, e o próprio país, ao atraso técnico ainda mais acelerado que o atual. Efetivamente enquanto os seus lucros e os dividendos continuam a subir, eles conseguiram, no ano de 1957, investir 37 bilhões na modernização das instalações; puderam fazê-lo porque na realidade no conto dos foguetes, dos aviões super-sônicos, do radar, o Estado pagou também, — apresentando os industriais — as máquinas necessárias a produzi-los. O citado semanário "Time" escreve que "o próprio cérebro eletrônico que dirige um foguete pode controlar uma máquina industrial ou um aparelho doméstico; a cerâmica do cone de um ICBM (missil médio) pode dar um ótimo revestimento de alto forno, um bom material de construção ou uma panela para (Concluí na pág. 11)

8 DE MARÇO — DIA DA MULHER



8 de março é a data consagrada universalmente como "Dia da Mulher". Nesse dia, as organizações femininas de todos os países festejam as conquistas obtidas pelas mulheres em suas lutas por completa igualdade de direitos políticos, econômicos e sociais. Em dezenas de países, já constitui uma tradição a comemoração festiva daquela data, como um preito de carinho especial pela mulher e de reconhecimento por seu esforço no trabalho comum em prol do engrandecimento da pátria. Esse é o caso dos países socialistas e, em particular, da União Soviética, onde a cada ano, no dia 8 de março, se assinala a efeméride através de novas leis e decretos que ampliam ainda mais os direitos já assegurados à mulher, a proteção à maternidade e à infância.

Vemos nos clichês, à esquerda: as irmãs Khudovkova — Alexandra, Maria, Klavdia, Nadezhda e Ana, que trabalham em Magnitogorsk como operadoras numa das seções do combinado metalúrgico; à direita: a fisiologista Ada Kotovskaya, que foi a treinadora da cachorrinha Laika — a primeira viajante do espaço cósmico — quando treinava cães para vôos em elevadas altitudes.

EM PREPARATIVOS A

II Conferência Sindical Inter-Estadual

NOVA REUNIÃO DA COMISSÃO DE SALÁRIO-MÍNIMO — CONFERÊNCIA INTER-SINDICAL NA SEGUNDA QUINZENA DO CORRENTE MÊS

Prosseguem intensos os debates sobre a palpitante questão da revisão dos níveis de salário-mínimo, assunto que se transformou em centro das reuniões inter-sindicais — inclusive de âmbito interestadual — que se vêm processando nestes dois últimos meses.

Depois da importante conferência de dirigentes sindicais que se realizou na capital de São Paulo nos primeiros dias de fevereiro, novos encontros se efetivaram no Rio, com a participação dos mais destacados representantes das grandes categorias profissionais. Por ocasião da discussão do projeto que regulamenta o direito de greve, encontraram-se os dirigentes do

Pacto de Unidade Inter-Sindical de São Paulo, com os líderes dos trabalhadores cariocas.

NOVA REUNIÃO DA COMISSÃO DO SALÁRIO-MÍNIMO

No dia 4 de março, voltou a reunir-se a Comissão do Salário-Mínimo, com a presença dos vogais eleitos pelos trabalhadores. Nessa oportunidade, insistiram todos na urgente necessidade de apressar os estudos do Serviço de Estatística da Previdência Social (SEPT) no que se refere aos índices do custo de vida. Estes deverão servir de base para a fixação dos novos níveis salariais mínimos a serem propostos ao governo.

CONFERÊNCIA INTER-SINDICAL EM MARÇO

Na segunda quinzena de março deverão reunir-se os dirigentes sindicais de alguns dos mais importantes Estados da Federação, na capital da República, a fim de pros-

seguirem nos debates iniciados em São Paulo.

Serão novamente discutidas as questões que estão hoje no centro das preocupações de milhões de trabalhadores brasileiros: revisão dos salários-mínimos; aprovação da Lei Orgânica da Previdência Social até o dia 1º de maio. A aprovação do projeto que regulamenta o direito de greve virá impulsionar, sem dúvida, o movimento pela conquista das demais reivindicações e contribuirá ainda para reforçar a unidade de ação que se amplia sempre mais e facilitar o caminho para a conquista da unidade orgânica das organizações de classe do proletariado brasileiro.



O Pacto de Unidade Inter-Sindical de São Paulo, mobiliza para a ação contra a American Can e em defesa da indústria nacional, os trabalhadores paulistas

Metalúrgicos de Monlevade Iniciam Experiência em Torno do Salário Móvel

INSTITUÍDA A ESCALA MÓVEL DE SALÁRIO — AS BASES PARA OS CÁLCULOS — EXPERIÊNCIA A SER OBSERVADA

Uma nova experiência para os trabalhadores brasileiros constituirá o recente acordo firmado pelo Sindicato dos Trabalhadores Metalúrgicos de Monlevade com a Cia. Siderúrgica Belgo-Mineira. Mediante esse acordo, foi concedido um aumento geral de Cr\$ 2,70 por hora de trabalho, aos empregados com um ano ou mais de serviço e ainda um abono de 600 cruzeiros, pago 16 vezes no mês de janeiro. Além disso, pagará a empresa um abono-família de 10 por cento sobre o salário do operário casado ou próximo de família e um prêmio de produção ou incentivo, que varia de 250 a 2 mil cruzeiros mensais. Juntado-se tudo isso, vê-se que o salário médio de um metalúrgico da Belgo-Mineira passará a ser, de agora em diante, de Cr\$ 4,943,60 mensais.

INSTITUÍDA A ESCALA MÓVEL

Reivindicação antiga dos trabalhadores, a questão da escala móvel de salários foi bastante debatida nas reuniões sindicais durante todo o ano de 1957, tendo-se manifestado favorável a ela o próprio Ministério do Trabalho.

Surge agora entre os metalúrgicos de Monlevade a primeira experiência nesse sentido. No acordo a que nos referimos acima, ficou estabelecido que a Cia. concederá aos empregados horistas um aumento geral de 5 por cento sobre os salários vigentes, sempre que o custo médio de vida, no período de dois meses (consecutivos ou não) subir de 5 por cento.

É significativo para os trabalhadores o fato de que está assegurado que não haverá diminuição do custo de vida.

AS BASES PARA OS CÁLCULOS

Um quadro de utilidades indispensáveis à subsistência do trabalhador foi fixado no acordo, com as respectivas percentagens do salário e serviu de base para os cálculos realizados em torno da questão do custo de vida. Esse quadro inclui:

- Alimentação — 62 por cento,
- vestuário — 22 por cento; higiene — 8 por cento; habitação — 5 por cento e transporte — 3 por cento. Isso perfaz um total de 100 por cento, que corresponde ao salário total ganho pelo operário.

Caberá à Cia. manter um posto de abastecimento, com gêne-

ros de primeira necessidade e de qualidade superior. Em caso contrário, os índices do custo de vida serão calculados pelos preços médios dos armazéns particulares de Monlevade.

Está previsto ainda que sempre que houver majoração salarial por força de lei, a elevação de salários será feita, levando em conta os aumentos eventuais.

Nos estudos realizados pelo Sindicato foram considerados 29 artigos: 14 de vestuário; 11 de higiene; 1 de habitação; 1 de transporte.

EXPERIÊNCIA A SER OBSERVADA

A vitória alcançada pelos metalúrgicos da importante empresa mineira constitui uma experiência pioneira na questão da justa fixação de salários e poderá servir de ensinamento às demais categorias profissionais. A majoração salarial que obtiveram fez com que aqueles trabalhadores passassem a receber os maiores salários, dentro do seu setor, uma vez que o salário mínimo estabelecido na região é de apenas 3.100 cruzeiros.

Em torno do problema da vantagem ou não da fixação do sa-

lário móvel, para o trabalhador, travaram-se aceros debates. Alguns são favoráveis à medida, outros não. Em princípio, trata-se de medida que interessa às massas trabalhadoras, porque po-

derá corrigir com certa rapidez as elevações do custo de vida, adaptando a elas os salários. Desde que as estatísticas que vão servir de base para os cálculos sejam corretas.

Agora, a experiência de Monlevade será certamente útil e servirá como primeiro passo para levar os debates em torno da questão do salário móvel a um novo nível.

TEXTO DO PROJETO QUE REGULA O DIREITO DE GREVE

É o seguinte o texto do projeto, regulando o direito de greve, ontem aprovado pela Câmara:

Art. I — O direito de greve é exercido pelos trabalhadores de qualquer categoria profissional, organizados ou não em sindicatos.

Art. II — Greve é a paralisação voluntária e coletiva do trabalho por parte dos empregados de uma ou mais empresas, ou estabelecimentos, ou de suas seções.

Art. III — Cabe ao sindicato ou ao grupo profissional inorganizado ou aos empregados de uma empresa decidir, em Assembléia dos interessados, da conveniência da greve.

Art. IV — São consideradas lícitas as greves reivindicatórias de natureza econômica, as que estejam vinculadas ao exercício da atividade profissional dos trabalhadores, incluindo-se as simbólicas e as de solidariedade.

Art. V — O sindicato ou os representantes dos trabalhadores comunicarão à empresa as razões da greve delimitando-se o prazo mínimo de 48 horas para a resposta. Serão, também, comunicados o Departamento Nacional do Trabalho ou as Delegacias Regionais.

Parágrafo único — A falta de resposta ou a recusa dos empregadores, dentro do prazo prefixado, em atender às reivindicações dos trabalhadores justificará a irrupção do movimento grevista.

Art. VI — Declarada a greve, serão designadas comissões ou delegados de greve, não podendo, estes ou nenhum dos membros daquelas ser presos nem obstados nas suas atividades.

Art. VII — É permitida a organização de piquetes de grevistas para a coleta de auxílios ou propaganda do movimento, mesmo nas imediações dos locais do trabalho.

Art. VIII — Não serão permitidas depredações nem quaisquer outros atos de violência, ficando sujeitos os infratores às penas da lei.

Art. IX — Poderá o sindicato ou qualquer outro grupo profissional criar um fundo de greve que será constituído das rendas não específicas do sindicato das ofertas e donativos, revogando-se todas as disposições que impeçam ou dificultem a movimentação dos seus depósitos bancários.

Art. X — Ninguém será dispensado do trabalho por motivo de greve.

Art. XI — Toda a autoridade policial ou administrativa que impedir ou tentar impedir o livre exercício do direito de greve será sumariamente afastada do cargo.

Art. XII — Não se chegando a uma solução imediata, poderão as partes interessadas no dissídio coletivo, apelar para a Justiça do Trabalho cuja ação será puramente arbitral, dentro dos princípios desta lei.

Art. XIII — Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação.

Art. XIV — Ficam revogados o Decreto-lei n° 9.076 e todas as disposições em contrário.

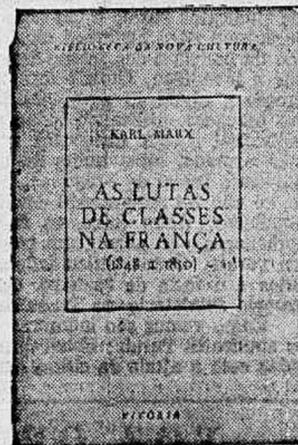
Anita e o Povo de Queimados Num Encontro Democrático

A VISITA de Anita Leocádia Prestes a Queimados, no Estado do Rio, domingo último, constituiu-se numa festa de profundo cunho democrático. Na residência do sr. Onil Githay, onde Anita e suas tias Ligia e Clotilde Prestes, permaneceram durante sua estada no populoso bairro de Nova Iguaçu, se realizou uma concentração popular com milhares de participantes. Deputados estaduais, vereadores de Nova Iguaçu e de Niterói, autoridades locais, dirigentes de partidos políticos, candidatos a postos eletivos, jornalistas, médicos, advogados, senhoras da sociedade local, todos, colaboraram para que a singela homenagem prestada a filha de Luiz Carlos Prestes se transformasse em mais uma demonstração do espírito democrático do nosso povo.

Todos os oradores da concentração colocaram como tema principal dos seus discursos, a necessidade do retorno de Prestes ao convívio dos parentes, amigos, admiradores e correligionários. Pois, assinalaram vários oradores, no atual estágio da democracia brasileira, é injustificável e incompreensível a existência de qualquer discriminação ideológica.

Participando da alegria do povo de Queimados, esteve presente ao ato e usou da palavra, o ex-deputado federal Carlos Marigliella, cuja palavra era guardada com interesse. Em seu discurso, Marigliella declarou que aquela festa, reunindo homens de diferentes partidos, idéias e classes sociais, era uma demonstração do desejo de unidade que existe no seio do povo, como instrumento para resolver os grandes problemas nacionais. Depois de se referir a algumas reivindicações do povo de Queimados, como luz, água, escolas, calçamento, hospital, etc., Carlos Marigliella salientou que o regresso de Prestes à liberdade era uma condição indispensável ao desenvolvimento da democracia no país, pois enquanto existir discriminações não haverá garantia para ninguém. Afirmou ainda Carlos Marigliella que os comunistas desejam colaborar para a solução pacífica das dificuldades que o país atravessa, sobretudo na luta contra a exploração do imperialismo americano.

Coube a Anita Leocádia Prestes encerrar o vibrante comício, agradecendo as manifestações de carinho e amizade de que foi alvo e assegurando nos presentes que o seu pai, como homem simples que é, não aspira a outra coisa se não viver no meio do povo, da sua família, e trabalhando em benefício do Brasil.



REALIZADA A MARCHA DA FOME POR LAVRADORES PERNAMBUCANOS

Mais de 600 trabalhadores rurais participaram do desfile — Memorial entregue ao governo do Estado — Visita à Assembléia Legislativa e ao Prefeito da Capital — Em maio próximo realizarão seu Congresso

RECIFE, (Da Correspondente) — Cerca de seicentos trabalhadores rurais de municípios próximos da capital, realizaram, no dia 3 último, realizaram, no dia 3 último, sobre o Recife, a "marcha da fome".

Vieram eles, liderados pelo agricultor José Francisco de Souza, presidente da Sociedade Agrícola e Pecuária dos Plantadores de Pernambuco, trazendo até às autoridades o seu apelo no sentido de que sejam atendidas várias de suas reivindicações e convidadas, para o Congresso dos Trabalhadores Agrícolas e de Pescadores de Pernambuco.

Nesta ocasião, os trabalhadores agrícolas visitaram o Palácio do Governo, onde foram recebidos por um dos secretários do governador Cordeiro de Farias. Em suas mãos foi entregue um memorial, que entre outras coisas dizia o seguinte:

«Ninguém ignora que os lavradores e os trabalhadores do campo em nosso Estado vivem sem o devido amparo, submetidos a penosas condições de trabalho e sujeição, cada vez maior, na agricultura e na pecuária. Isso entrava o desenvolvimento da indústria e do comércio, porque não favorece o crescimento do mercado interno. Mas, ao contrário, só serve para agravar

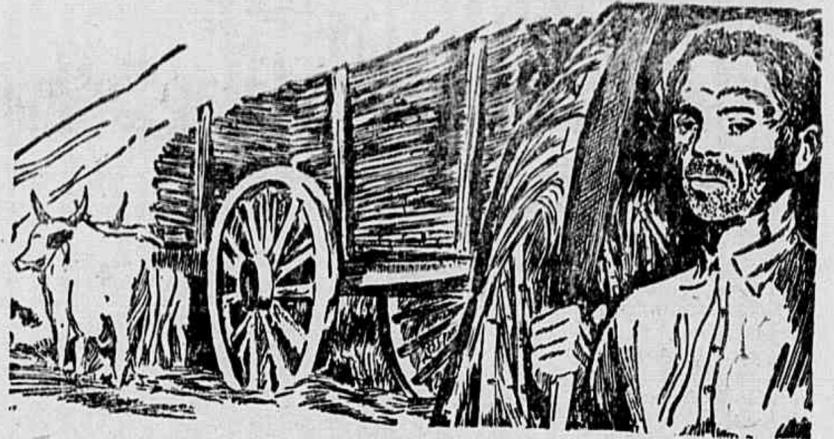
as questões com o despovoamento do interior do Estado e a fuga, em massa, dos camponeses para a capital ou para o sul do país. O atraso de Pernambuco em relação às regiões Centro-Sul do país, é hoje maior que há anos.

Milhares de pequenos e de médios proprietários de terra, de assalariados agrícolas de foreiros, de colonos, de vaqueiros, de pescadores, trabalham de sol-a-sol enquanto o seu estado de pobreza aumenta dia a dia. Não há assistência ao trabalhador do campo, pois a legislação trabalhista só existe para ele no papel. Os foros são aumentados de ano para ano, embora contra a lei, ao sabor dos grandes proprietários. Não há crédito para os pequenos e médios proprietários que são sufocados pela maioria dos grandes proprietários. Não há garantias para a colocação dos seus produtos. Nem assistência técnica. Nem sementes selecionadas. A situação do pescador é tão precária como a do camponês mais humilde. Não é menos dolorosa a do vaqueiro».

No texto do memorial entregue ao governo do Estado, os lavradores apresentaram as seguintes reivindicações: Liberdade e direito de livre associação e de sindicati-

zação, aplicação efetiva da legislação existente que beneficia o homem do campo; terra para trabalhar; ajuda financeira e técnica aos lavradores; ferramentas e sementes; extinção do «cambão», do «dia de condição», do «vale», do barracão, abolição do sistema de meia e da terça; garantia de preços agrícolas; escolas; assistência médica, etc.

Os lavradores, em seu desfile, visitaram ainda a Assembléia Estadual e o Prefeito do Recife, sr. Pelopidas Silveira, solicitando seu apoio moral e material para o Congresso que os trabalhadores rurais de Pernambuco irão realizar do corrente ano.



EM SÃO GABRIEL DA PALHA QUINHENTOS LAVRADORES SE ORGANIZAM

COLATINA — Teve lugar no distrito de São Gabriel da Palha, no último domingo de fevereiro uma grande reunião de lavradores. O assunto da reunião prendeu-se a discussão de questões da lavoura. Muita viva em todo o seu decorrer, a reunião atingiu o seu objetivo: dar o primeiro passo para a organização dos lavradores de São Gabriel, dentro de sua organização de classe, a Associação dos Lavradores do Estado do Espírito Santo.

Especialmente convidados, tomaram parte no ajuntamento, o presidente da ALES, sr. José A. das Virgens, o dr. Alvaro Fraga — da secretaria de Agricultura do Estado, o presidente da Associação de Melhoramentos de Colatina, dr. Caetano Magalhães, dr. Francisco Vervloet e outras personalidades.

Causaram funda impressão na grande massa de lavradores presentes, calculada em mais de 500 pessoas, as palavras dos oradores.

Foi ainda muito bem recebida pelos presentes a oração do sr. José Rodrigues de Aguiar, que expôs em linguagem simples e contundente a situação dos lavradores do seu distrito.

Notou-se a presença na congregação, de um elevado número de mulheres lavradoras que aplaudiram entusiasmadamente os oradores, o que já constitui um progresso, de vez que o número de mulheres no campo é muito grande e elas quase não participam das organizações camponesas.



OS SINDICATOS RURAIS E A AJUDA FRATERNAL DA CLASSE OPERARIA

NESTOR VERA

Nos últimos anos, após a realização das duas Conferências nacionais de lavradores começaram a surgir os sindicatos de empregados rurais em São Paulo, de acordo com as leis brasileiras para esse tipo de organização associativa destinada aos trabalhadores do campo. Existem atualmente 18 sindicatos rurais no Estado de São Paulo. São ainda poucos em relação à grande massa de assalariados agrícolas mas, sem dúvida, foi um grande passo adiante. As experiências positivas e negativas fornecidas por eles, constituem uma rica contribuição para o fortalecimento dos mesmos e organizações de outros. Cerca de 700 mil trabalhadores brasileiros que vendem sua força de trabalho no campo, constituem enorme campo para a ação organizadora desses sindicatos e de outros que naturalmente, serão organizados no futuro. São trabalhadores rurais que trabalham por dia, hora e ano; carroceiros, leiteiros, colonos de café, cortadores de cana, diaristas que moram nas cidades mas trabalham por temporadas nas lavouras etc. Somando-se estes últimos, trabalhadores por temporada, ou por safra, seu número atingirá um milhão. Todos eles, recebem seu salário no fundamental em dinheiro.

A fundação dos 18 sindicatos rurais no principal Estado do país, é de fundamental importância. É o Estado onde o capitalismo mais se desenvolve na agricultura embora mantendo os principais restos feudais. A classe operária paulista obteve com sua ajuda fraternal aos camponeses uma grande vitória, ajudando a se organizarem sindicalmente. Os aliados fundamentais da classe operária, os camponeses e, em particular, os assalariados agrícolas começam a se organizar.

VENCIDAS AS PRIMEIRAS DIFICULDADES COM AJUDA DOS OPERÁRIOS

A fundação desses sindicatos só foi possível porque receberam a ajuda da classe operária do interior da capital. Sem essa ajuda era impossível realizar essa tarefa. Isso porque os trabalhadores da roça não têm quase nenhuma experiência de organização de sindicatos, poucos meios materiais, e raras pessoas capacitadas para esse trabalho. A ajuda da classe operária é necessária porque, embora tenha o proletariado inúmeros aliados para a revolução, como sejam os camponeses ricos e médios, pequenos e médios industriais e comerciantes, funcionários públicos civis e militares e a burguesia nacional, os camponeses em particular os assalariados agrícolas, principalmente num Estado como São Paulo no qual esses trabalhadores rurais representam hoje a metade da população economicamente ativa do campo. Constituem a força decisiva na Frente Única. São a exemplo dos operários da cidade, obrigados a vender sua força de trabalho, não possuem meios de produção e, serão, em todas as etapas da revolução a base sólida no campo onde se apóia a classe operária da cidade para realizar todas as tarefas até atingir o socialismo.

A esse respeito, Lenin, em 1917 já dizia: «Os operários das cidades, das fábricas e oficinas estão ligados de mil modos diferentes aos operários do campo. Se o proletariado da cidade fizer um apelo ao camponês assalariado, este não deixará de responder; não obstante, aquele não se deve limitar ao apelo. Os operários da cidade têm mais experiências, mais conhecimentos e dispõem de maiores recursos e forças. É necessário que uma parte dessas forças seja destinada a auxiliar os operários agrícolas a sustentar-se nos próprios pés. E preciso que todos os operários organizados contribuam com o salário de um dia, o que marcará o desenvolvimento e consolidação da aliança do proletariado das cidades com os operários do campo».

(A Questão Agrária, Lenin, pag. 194).

Se naquela época Lenin indicava estas condições para que se organizassem os assalariados agrícolas, estas mesmas condições são necessárias hoje em nosso país a fim de se organizar nossos assalariados agrícolas.

Os sindicatos rurais receberam, uns mais, outros menos a ajuda dos operários paulistas, como orientação, visitas de líderes sindicais e operários esclarecidos para fundar esses sindicatos, preparar os papéis necessários ao seu registro e, mesmo, ajuda financeira. Entretanto, essa ajuda, apesar de valiosa ainda foi pouca. Esta é uma das causas pelas quais os sindicatos rurais encontram-se muito debéis e muitos deles praticamente sem atividade com seu desenvolvimento estagnado. Alguns, podem mesmo desaparecer se não receberem ajuda da classe operária. Os sindicatos dos operários das cidades já foram consolidados através de grandes lutas e sacrifícios. Os sindicatos rurais estão em sua fase inicial e, além de não possuírem quase nenhuma experiência, enfrentam a perseguição da polícia e dos fazendeiros. Vários deles já foram atacados e invadidos. Outros foram fechados e, depois reabertos graças a ajuda do povo. Os fazendeiros não perdem tempo em atacá-los, utilizando todas as formas, inclusive o ataque individual a seus dirigentes, como foi o caso de agressão à mão armada, altas horas da noite à casa do secretário do Sindicato Rural de Bragança. Depois de bárbaro espancamento, só não foi assassinado devido a intervenção de parentes e populares. Além disso, os fazendeiros dispensam seus trabalhadores e os perseguem para que não entrem nos sindicatos rurais. Outra dificuldade muito séria para esses sindicatos é a falta do registro, que vem sendo dificultado pelo próprio Ministério do Trabalho.

Como vemos são inúmeras as dificuldades que enfrentam os sindicatos rurais. Estas dificuldades só poderão ser resolvidas com a ajuda da classe operária. Os sindicatos das cida-

des do interior podem desempenhar um grande papel nessa ajuda. A classe operária do interior está diretamente ligada com os assalariados do campo, como também porque a quase totalidade dos operários dessas indústrias e das ferrovias vieram do campo.

O desenvolvimento acelerado da indústria no interior tem se processado nestes últimos anos, e, a mão de obra fornecida para as mesmas fundamentalmente foi do campo, daí que esses laços sejam fortes e recentes. De outro lado, com o desenvolvimento do capitalismo na agricultura a grande massa de assalariados está passando a residir nas cidades apesar de continuarem a trabalhar no campo.

Os assalariados agrícolas utilizam as sedes dos sindicatos dos operários das cidades do interior para realizar suas assembleias e muitos deles recebem assistência jurídica dos próprios sindicatos da cidade. Com isto, tanto ganham os assalariados agrícolas como os operários, que também podem receber ajuda de seus irmãos do campo, já que existem muitos municípios em que o número de assalariados agrícolas é maior do que o de operários.

Essa aliança vai se fortalecendo e influenciando cada vez mais a massa camponesa e os trabalhadores das cidades. Com isto vai se forjando a aliança operário-camponesa.

Venimos como a classe operária das cidades do interior pode desempenhar importante papel na organização do proletariado rural. Mas isto ainda não é tudo. A fundamental ajuda para cumprir essa tarefa com êxito cabe ao proletariado da capital de São Paulo, por ser o mais antigo, experiente de organização e de lutas e de conquistas de reivindicações, está concentrado em grandes empresas e é a maior concentração operária da América Latina. A classe operária da capital deve junto com a classe operária do interior ensinar e organizar os assalariados agrícolas, ajudá-los a conseguir o registro de seus sindicatos, transmitir-lhes as experiências de como conseguir a vitória de suas reivindicações, visitar os sindicatos rurais, ajudar a formar as diretorias dos mesmos, como fator principal para a sindicalização rural e o desenvolvimento do sindicato, assim como também, aprender com eles. O fortalecimento das forças entre operários e camponeses reforçam a luta dos próprios operários, pois ficam com um aliado tão importante como os camponeses.

A frente única das forças nacionalistas e progressistas para libertar nosso país ainda está fraca, devido a debilidade do trabalho do proletariado das cidades junto a seus irmãos do campo. Na hora que esse trabalho se desenvolver, a frente única se fortalecerá e desenvolver-se-á, pois a força decisiva para uma poderosa frente única capaz de libertar nosso país é a classe operária unida com os trabalhadores do campo. Daí porque uma das tarefas principais da classe operária paulista e, principalmente da Capital, é ajudar a consolidar os atuais sindicatos de empregados rurais do Estado de São Paulo e a criação de inúmeros outros o que terá repercussão nacional.



Correspondência

ESCORCHADOS PELOS SENHORES DA USINA PAINEIRAS

CACHOEIRO DO ITAPE- MIRIM. (Do correspondente) — Uma vez mais voltamos a denunciar irregularidades que estão se verificando na Usina Paineiras de propriedade do sr. Ataliba Carvalho Brito. Grassa na Usina um verdadeiro regime de exploração. Para iniciar basta dizer que o fornecimento de cana é pago com açúcar e o invés

de dinheiro. Nesta transação perde sempre o fornecedor vinte cruzeiros por saca do produto, pois o preço é mais baixo que o do comércio. A entrada da cana é regulamentada à gosto do usineiro, o que traz prejuízos constantes aos colonos ou fornecedores de cana.

Embora exista lei que regulamenta os pagamentos

mensais em dinheiro, a maioria destes são feitos em vales.

O capataz Hécio Sá age como se fosse realmente um carrasco, submetendo os trabalhadores a ameaças constantes de demissão e a trabalho escravo. Quem se recusa a trabalhar em dias santos ou feriados vê os seus vencimentos reduzidos em 30%. Os alugueis de casa são descontados religiosamente e nunca são inferiores a Cr\$. 700.00 (setecentos cruzeiros) mensais.

Enquanto este regime é posto em prática contra os trabalhadores, a Usina lança mão de todos os recursos ilegais para aumentar os seus lucros. Correm rumores de que há poucos dias foi apreendido um contrabando de açúcar no posto fiscal de Saitra. Assinale-se não ter sido este o primeiro contrabando realizado pelos proprietários da Usina, na ânsia de lucros ainda mais elevados que os atuais.

Diante desta situação, está sendo reclamada pelos trabalhadores a vinda a Itapemirim de um fiscal do Ministério do Trabalho, para verificar no local, as infrações às leis trabalhistas que ali estão sendo praticadas. Igualmente, urge coibir o comércio clandestino de açúcar, realizado pela Usina, punindo aos seus proprietários com as sanções previstas pelas leis existentes.



RELAÇÕES NORMAIS COM OS PAISES.

(Conclusão da pág. 5)
normais com a União Soviética e com qualquer outro país. E acrescentou:

— Não só devemos vender café e outros produtos nossos ao leste europeu como ainda mais, forçar a sua colocação nesses mercados e em todos os outros, em qualquer parte do mundo, onde haja possibilidade de comerciar.

Depois de lembrar que já comermos com a Polónia e a Tchecoslováquia, disse o sr. José Maria Alkmin:

— Ninguém se admira se viermos vender café diretamente a União Soviética, dentro em breve.

Insiste Oswaldo Aranha
Regressando ao país, depois de chefiar a delegação brasileira à última Assembleia da ONU, o ministro Oswaldo Aranha reafirmou as suas declarações prestadas à imprensa estrangeira, sobre a necessidade do Brasil restabelecer suas relações com a União Soviética.

— O Brasil não terá assento à mesa da paz se mantiver a situação de isolamento em que se encontra, isto é, sem relações com a União Soviética e outros países, declarou ele à imprensa brasileira, ao desembarcar no Rio.

— Acho que devemos manter relações diplomáticas, comerciais e culturais com todos os povos, sem distinção, prosseguiu. O Brasil é o único grande país de regime democrático que não mantém relações com a URSS.

Apoia o Comércio Atacadista
Em recente reunião, a Federação do Comércio Atacadista do Distrito Federal, representando 16 sindicatos, manifestou-se unanimemente pelo imediato estabelecimento de relações com a União Soviética e China Popular. Feliciano na reunião, o presidente daquela entidade, sr. Alcibíades Antongini, disse que o país deve abrir mercados, onde quer que estejam, visando a vender mais e vender melhor nossos produtos. Dessa forma, acrescentou, estaremos dando solução a uma série de problemas econômicos, inclusive o dos produtos chamados «gravesos».

Toma Posição o Parlamento

Ao lado de diversas outras manifestações sobre o mesmo assunto, como as do Conselho Nacional de Economia e do presidente do Instituto Brasileiro do Cacau, vale destacar aqui, ainda, a decisão tomada pela Comissão de Relações Exteriores do Senado convocando o ministro Macedo Soares e o chanceler Oswaldo Aranha, para ouvi-los a respeito dessa questão.

Ao mesmo tempo, sucedem-se as manifestações nas duas casas legislativas, de parlamentares dos mais diversos matizes políticos, exigindo do governo medidas concretas no sentido do restabelecimento daquelas relações.

Organizar e Fortalecer o Movimento
Embora partindo dos mais variados setores da população

e representando as aspirações da maioria da nação, o movimento pró-relações com a União Soviética tem se caracterizado por manifestações isoladas, de personalidades ou entidades das mais representativas.

São grandes os interesses de grupos econômicos norte-americanos que se opõem a este restabelecimento de relações. Esses interesses têm seus fiéis defensores dentro do próprio governo, como é o caso do atual ocupante da pasta do Exterior. Para quebrar essa resistência, e fazer com que o governo tome uma decisão que consulte realmente os interesses nacionais é indispensável que o movimento pró-relações tome caráter organizado, ganhe maior ervergência, transformando-se em vigorosas manifestações

A RECESSÃO DOURADA

(Conclusão da pág. 8)

a dona de casa": isto é, prevê os benefícios dos investimentos que vêm sendo feitos nas novas técnicas de produção; mas tais investimentos devem ser feitos pelo Estado, o contribuinte, em benefício dos industriais. De fato, o "Time" augura orçamentos militares de 54 a 64 bilhões de dólares para 1960. Com orçamentos inferiores, como o proposto para o próximo ano, prevê-se a contração dos investimentos em novas instalações na ordem de 7%.

O que dissemos representa a base dos relatórios apresentados ao governo dos Estados Unidos pelos comitês Gaither (Fundação Ford) e Rockefeller, um e outro expressão da indústria monopolista, o primeiro pedindo um aumento das despesas militares de 8 a 20 bilhões acima da proposta do presidente, e o segundo mais modesto, ou mais realista, de somente 3 bilhões. Ambos os relatórios, para justificar tais exigências — de que demos as reais razões — não hesitam em estimular o pânico no país, ilustrando com as tantas mais fôscas a presumida ameaça soviética de agressão, chegando Gaither inclusive a recomendar o ataque "preventivo" contra a URSS. São tais relatórios reveladores, se mais necessidade houvesse, da função orgânica que a corrida aos armamentos seguramente assumiu no quadro da economia norte-americana, o que fornece o mais seguro apoio ao vacilante Foster Dulles em seu objetivo de impedir, ainda uma vez, os entendimentos com a URSS.

Este é o modo pelo qual os "boss" do dólar se dispõem a fazer frente à "recessão": fazendo com que ela seja paga não só pelos "tax-payers" norte-americanos mas pelos compradores estrangeiros de material bélico norte-americano e enfim pelo mundo inteiro. Não é certo que atinjam os seus objetivos; e se não os atingirem a "recessão" não fará certamente um mal maior ao povo dos Estados Unidos do que já fazem os Rockefeller e Gaither; poderá transformar-se em uma crise dolorosa, da qual todavia se poderá esperar que sala diminuído o extraordinário poder dos monopólios, objeto atualmente de não poucos fermentos críticos que conferem nos Estados Unidos um lineamento particular ao ano apenas iniciado.

VITÓRIOSAS A GREVE DOS MARÍTIMOS PARAENSES DEZ MIL TRABALHADORES MOBILIZADOS E ORGANIZADOS POR 10 SINDICATOS MARÍTIMOS, VENCERAM A RESISTÊNCIA DOS ARMADORES NACIONAIS E ESTRANGEIROS

BELÉM. (Do Correspondente) Teve a maior repercussão em todo o Estado, a greve dos dez mil marítimos paraenses, que conseguiu paralisar cerca de 180 embarcações na Amazônia. A greve foi decretada por 10 sindicatos das diversas categorias de trabalhadores marítimos.

Os grevistas reivindicavam reequiparação salarial das empresas estrangeiras e nacionais ao nível da SNAPP, pois a diferença de salário era de 80, 90 e 100%.

No decorrer da greve, muitas violências foram praticadas contra os trabalhadores. O porto desta capital foi ocupado por tropas armadas

com metralhadoras e fuzis do 4º Distrito Naval, aqui sediado, pela polícia civil e pela polícia política. Alguns sindicatos de marítimos foram invadidos pela polícia e alguns dos seus líderes e dirigentes foram presos. No entanto, estas arbitrariedades não arrefeceram o ânimo dos marítimos que prosseguiram com a greve de maneira firme, como iniciaram, graças a sua unidade, a justiça da sua causa e ao movimento de solidariedade feito em torno dos grevistas.

Depois de mais de 15 dias a greve terminou vitoriosa, obtendo os trabalhadores, um aumento de 70%.

A BATALHA DA DIFUSÃO

Hoje vamos divulgar alguns dados para conhecimento dos milhares de interessados a quem nos dirigimos por diversas vezes, não só solicitando um esforço maior, no sentido da manutenção dos compromissos financeiros dos agentes com a Matriz, como também na hora do aumento de preço de exemplar, a fim de que pudéssemos suprir de recursos indispensáveis à manutenção do nosso jornal, a empresa responsável pela edição de VOZ OPERÁRIA.

Fomos ouvidos por muitos, que acorreram ao nosso apelo e têm mantido com regularidade elogiável os pagamentos mensais das quantidades que lhes são enviadas. Esse procedimento possibilitou um aumento real da difusão, pois o controle efetivo dos pagamentos, a sua regularidade, o contacto permanente entre a Matriz e os agentes, os esclarecimentos com respeito a dúvidas, que muitas contas apresentavam, as respostas a todas as correspondências, o faturamento em tempo oportuno, estimularam o trabalho dos nossos agentes e permitiram que atravessássemos períodos difíceis e de carência de recursos materiais.

Assim, em relação a julho, recebemos em fevereiro mais 41%, a agosto mais 41,8 por cento, a setembro 35,2%, a outubro mais 18%, a novembro 17,9%, e a dezembro mais 18%. Como se verifica há um aumento constante da receita. O número de pagamentos em relação ao número de agentes alcança, muitas vezes a cerca de 80%.

FATURAMENTO — Está sendo completado e as faturas expedidas para pagamento, até o fim do mês de março.
AGÊNCIA DE JOÃO PESSOA — PARAIBA — O responsável pela Agência de VOZ OPERÁRIA em João Pessoa, diante das dificuldades enormes que está enfrentando, apela mais uma vez para os representantes assinantes e agentes, no interior do Estado, para que regularizem e satisfaçam com urgência os seus compromissos a fim de que a Agência possa solucionar, com pontualidade os seus encargos. Os pagamentos devem ser feitos por Vale Postal ou registrado, com valor declarado.
AUMENTO: Riberão Preto mais

35 por cento.
AGÊNCIAS RESTABELECIDAS: Pau Grande e Cambuquira
AGÊNCIAS SUSPENSAS: Barra do Pirai (JS), Belém, Itapetininga (KM) e Regente Feltz
NOVOS ASSINANTES: Brasília (2); Barra do Pirai (1) e D Federal (1).

Recebemos e providenciamos a reclamação de Rio Claro, que a partir do nº 457 receberá VOZ OPERÁRIA no nome indicado.

Recebemos a reclamação e já foi corrigido o endereço de Jacareí.

Recebemos no dia 31.53, um pagamento de Lins, para abatimento de sua dívida para com

VOZ OPERÁRIA, mas por um erro de revisão não saiu publicado.

PAGAMENTOS DE 27.2 a 53.58: Campina Grande (2) Itapetininga, Getulina, Rio Claro, Riberão Preto, Campo Grande Curitiba, Cândido Mota, Cambuquira, Bauri, Pau Grande, S. Paulo, Jacareí, João Pessoa, Governador Valadares, Curitiba, Campinas, Marquês de Valença e S. Luiz.

No que diz respeito à difusão, melhoramos naquilo referente a quantidades reais programadas pelos agentes, em atenção rigorosa aos seus pedidos de aumento ou diminuição das cotas.

Quer as quantidades dos agentes, quer as vendas nas barras, renderam cerca de 49 por cento e 170 por cento, respectivamente mais, em média, que há seis meses atrás.

Não recebemos, até agora, os dados prometidos de S. Paulo (Capital) — Mas no D. Federal o número 456 da última semana, teve um aumento de 29,7 por cento em relação ao número 455 e de 34,4 por cento em relação ao número 454.

Esses resultados alegram, mas não satisfazem, porque longe estamos ainda do nível de circulação de interesse das grandes massas trabalhadoras, bem assim, o volume de pagamentos, se é alentador, ainda não representa o suficiente para eliminar as dificuldades financeiras presentes da nossa empresa.

Em Pernambuco

REFORÇA-SE a UNIDADE da CLASSE OPERARIA

EM LUTA PELO PAGAMENTO DOS 25% DE AUMENTO SALARIAL, CONCEDIDOS PELO TRIBUNAL REGIONAL DO TRABALHO — VÍTIMAS DE SANGUINÁRIAS VIOLÊNCIAS, NÃO SE DEIXARAM DOMINAR PELO PÂNICO — MANOBRAS DO GOVERNO DO GOLPISTA CORDEIRO DE FARIAS, TENTANDO LUDIBRIÁ-LOS — A SOLIDARIEDADE E O APÓIO AUMENTAM, DIA APÓS DIA.

Reportagem de RILDO MOUTA

Na madrugada do dia 20 de janeiro último, os operários têxteis pernambucanos (operários apenas de 8 fábricas da capital e uma do interior — Escada) lançaram-se à greve, reivindicando o pagamento dos 25% de aumento salarial, ganhos por eles no Tribunal Regional do Trabalho. Cerca de 7 mil trabalhadores, enfrentando as violências sanguinárias dos capangas assalariados pelos industriais e a polícia civil e militar do governador Cordeiro de Farias, agiram heróicamente na defesa dos seus direitos usurpados. Dia após dia, crescia a solidariedade moral e material aos bravos grevistas. Crescia o espírito de unidade entre eles, robustecia-se o apoio de líderes sindicais e estudantes e de parlamentares em torno de sua luta por um pouco mais de pão para seus filhos.

Amplios setores da população, povo e comércio, ajudaram materialmente, obtendo gêneros alimentícios e dinheiro. A Assembléia Legislativa do Estado, a Prefeitura Municipal de Recife, as Câmaras Municipais de Recife e de São Lourenço da Mata concederam-lhes avultadas verbas. Em uma palavra: a greve geral dos têxteis das 9 fábricas atingidas conquistou o maior apoio.

NEM A POLÍCIA DEVEU ATACAR OS GREVISTAS

Apesar das bárbaras violências contra eles empregadas, não arrefeceu o ânimo dos teceletes grevistas. Tiveram que travar luta, em frente aos portões das fábricas, contra os brutamontes da polícia do governador Cordeiro de Farias desde o primeiro dia de greve.

Naquele dia, pela madrugada, em frente a fábrica de Camaragibe, dezenas de policiais, armados de fuzis e metralhadoras, protegidos por carros da Rádio Patrulha, dispararam suas armas contra os «piquetes» grevistas, deixando vários operários feridos. A ordem de atirar foi dada pelos proprietários da empresa que de armas na mão, comandaram o tiroteio.

As violências contra os operários grevistas foram praticadas, em seu maior número, em frente aos portões da Fábrica da Macaxeira, onde a «parede» aglomerou uma quantidade de operários calculada em cerca de 3.500.

Ali, no quarto dia de greve, capangas da indústria, armados de revólveres, alvejaram, quando passava em frente ao estabelecimento fabril, o «jeep» do Comando de Greve. Três operários saíram feridos e foram conduzidos, em estado grave, para o Hospital do Pronto Socorro.

Poucos dias depois, em frente aos portões do Textilício Santa Maria, ocorreu bárbaro atentado contra os operários grevistas. Proprietários da empresa e capangas, armados com fuzis e revólveres, dispararam suas armas contra uma concentração de operários — cerca de quatrocentos — saindo sete dos grevistas gravemente feridos, quatro operários e três operárias. A Rádio Patrulha e a polícia civil também participaram do choque, atirando sobre os trabalhadores.

A mais sanguinária violência da polícia do governador Cordeiro de Farias foi contra o operário Carlos Pereira, da fábrica de Macaxeira. Depois de selvagemmente espancado pelos policiais e levado para ser medicado no Hospital do Pronto Socorro, foi dali retirado por seus espancadores e recambiado para a Secretaria de Segurança, onde sofreu outros espancamentos. Quem o salvou das unhas dos algos foi a unidade dos seus companheiros de luta, que enviaram uma comissão ao Palácio do Governo, exigindo do governador a liberdade daquele grevista. Mas, assim mesmo, transportado para uma casa de saúde continuou detido, sendo, dias após, posto em liberdade. Ao chegar à sede do Sindicato, foi transportado nos braços de seus companheiros.

Foram inúmeras as violências de que foram vítimas os operários grevistas de Pernambuco, tanto de parte dos industriais como de parte do governo do Estado, que tudo fizeram no sentido de levar à derrota os bravos paredistas.

Piquetes foram dispersados a coice de fuzil e à ponta de baionetas; como represália, os patrões das fábricas de Camaragibe e Tacaruna cortaram a luz e a água que fornecem aos operários. Na Tacaruna, até mesmo a Escola de Aprendizes Marinheiros foi atingida, acarretando sérios vexames aos monitores e alunos daquele estabelecimento da Marinha, que, entrando em entendimento com o Sindicato das Indústrias, exigiu o restabelecimento da água.

NÃO FALTOU AOS GREVISTAS APOIO E SOLIDARIEDADE

Um dos aspectos mais importantes da greve dos têxteis pernambucanos foi e é o apoio e a soli-

dariedade que receberam dos mais diversos setores populares, sindicais e políticos de Pernambuco e de alguns outros Estados.

O mais valioso apoio à greve partiu dos dirigentes sindicais, parlamentares e estudantes. Vários comícios foram realizados às portas das fábricas.



O presidente do Sindicato dos Têxteis de Pernambuco, quando falava em uma das assembleias preparatórias da greve.

mento paredista, com a participação de milhares de operários, tanto na capital como no interior.

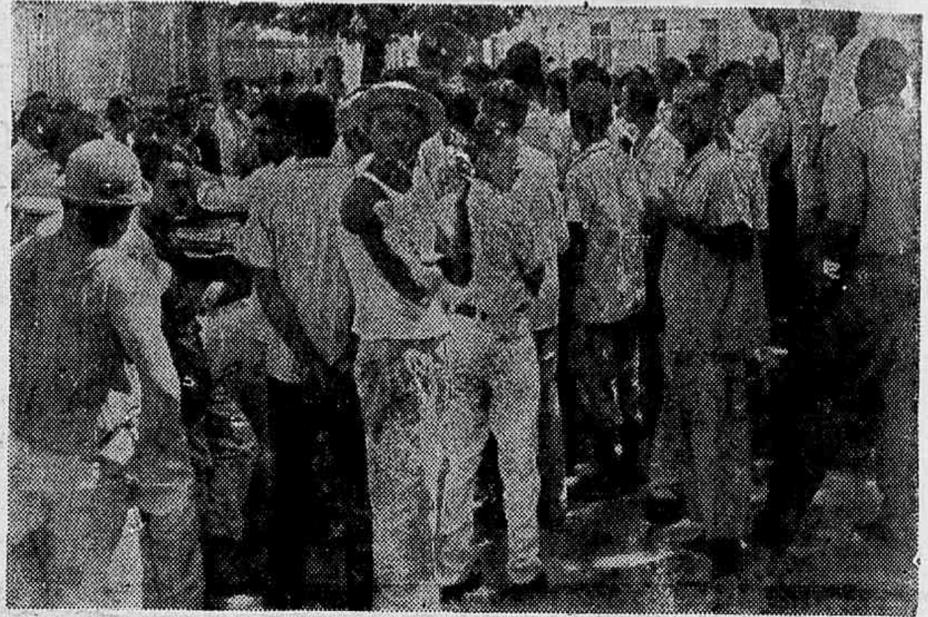
Os estudantes secundaristas, por exemplo, através do Clube dos Estudantes Secundários, desde os primeiros dias da greve, mantiveram-se firmes ao lado dos grevistas. Por sua iniciativa realizou-se um grande comício na Pracinha, no centro da cidade do qual participaram, também os grevistas. Foi uma verdadeira união entre operários e estudantes. Além disso, os estudantes, por várias vezes ofereceram-se para ser intermediários entre patrões e operários, a fim de se conseguir uma solução para o impasse.

A Assembléia Legislativa do Estado votou uma verba de 500 mil cruzeiros de ajuda aos grevistas, proposta pelo deputado Clodimir Moraes; posteriormente, o deputado Francisco Julião apresentou um projeto de lei, autorizando uma verba de 1 milhão de cruzeiros. A Câmara Municipal de São Lourenço votou uma verba de 80 mil cruzeiros; a Prefeitura Municipal do Recife enviou grande quantidade de gêneros alimentícios para a sede do Sindicato dos Têxteis, solidarizando-se com os mesmos. Diversos sindicatos pronunciaram-se solidários com os paredistas. Comerciantes, jornalistas, bancários, trabalhadores da construção civil, telegrafistas, a comissão organizadora do I Congresso dos Trabalhadores de Pernambuco, gráficos, garçons, ferroviários e muitos outros também não faltaram com seu apoio.

POSIÇÃO DÚBIA DO SR. CORDEIRO DE FARIAS

Desde o início da greve, o governador Cordeiro de Farias agiu com duas faces: por pura demagogia e com o fito de desgastar as chamadas «classes produtoras», o governador golpista acena para os grevistas com um falso apoio; por outro lado, permite as mais bárbaras violências contra os operários, quer por parte dos capangas, devidamente protegidos, quer por parte de seus próprios «tiras».

Sentindo que esta manobra não surtira efeito, principalmente por ver que os operários começavam a compreender a verdade dos fatos, o astuto sr. Cordeiro lançou mão de uma nova manobra: a de se apresentar conciliador.



Aspectos de um dos muitos comícios realizados, pelos grevistas, nos portões das empresas, com a participação de parlamentares e estudantes.

Desta forma, enviou aos patrões uma proposta, pensando em capitalizar para si os resultados de uma luta que custou o próprio sangue dos grevistas, derramado pela polícia e pelos capangas por esta cobertados.

Assim mesmo, fingindo-se neutro, o sr. Cordeiro apresentou-se como declarado inimigo dos trabalhadores, quando, na carta-proposta aos patrões, levantou dúvidas quanto a legalidade da greve, quando a mesma já fora declarada legal pelo Ministro do Trabalho.

Além do mais, o governador pernambucano, com sua fórmula divisionista, advogava a demissão em massa dos grevistas, com o aproveitamento, apenas, daqueles «casos particulares» a serem posteriormente estudados.

A PROPOSTA DO GOVERNADOR E CONTRA-PROPOSTAS

A proposta do sr. Cordeiro de Farias, apresentada aos industriais, foi a seguinte: 18% imediatos e 7% creditados. Nesta proposta não estava especificado o pagamento dos dias de greve e se deixava a porta aberta às punições que podiam redundar em demissões, em massa de grevistas. A mesma foi rejeitada, tanto pelos patrões, que reafirmaram só poder conceder aumento salarial na base de 15%, como pelos trabalhadores, que contrapropuseram aumento de 20% nos salários de todos os têxteis, creditando as empresas os restantes 5% para pagamento posterior à decisão do Tribunal Superior do Trabalho; volta ao trabalho de todos os grevistas, sem punição e pagamento dos dias de greve.

REFORÇA-SE A UNIDADE DA CLASSE OPERARIA

A unidade da classe operária em Pernambuco, com a realização desta greve, que nada mais é do que uma luta justa pelo pagamento dos 25% concedidos pelo T.R.T. em dezembro de 1956, reforçou-se grandemente e assumiu aspectos novos.

Uma prova está no apoio e na solidariedade que os têxteis receberam de quase todos os sindicatos do Estado, numa reafirmação do grau de compreensão operária. E não só. Enfrentando toda sorte de dificuldades e perseguições, os grevistas demonstraram um firme e decidido espírito de luta. A vitória dos teceletes pernambucanos será a vitória de toda a brava classe operária de Pernambuco.

Nas grandiosas assembleias gerais na sede do Sindicato e em meio aos «piquetes» grevistas, nos portões das empresas, enfrentando as balas dos capangas dos industriais e dos «tiras» do governo, é que mais se acentuaram o entusiasmo e vigor dos grevistas.

Na gigantesca assembleia geral de 10 de fevereiro por exemplo, quando os teceletes rejeitaram, tanto a proposta dos patrões como a do governo, esse entusiasmo e esse vigor elevaram-se ao ponto mais alto. A ela compareceram mais de 10 mil grevistas acompanhados de suas famílias, esposas e filhos famintos numa demonstração patente de que não se vergarão ante aqueles que tentam levá-los à miséria mais completa.

Durante a realização da mesma, dois operários caíram desfalecidos pela fome, sendo socorridos por seus companheiros. Alguns deputados estiveram presentes.

Terminada a assembleia, os grevistas fizeram um verdadeiro carnaval na sede do Sindicato, saindo em passeata, pelas ruas da cidade, tendo à frente a orquestra do Sindicato e a bandeira Nacional, conduzida por quatro operários grevistas. Várias ruas tiveram o trânsito interrompido.

REDUZ O TRIBUNAL O AUMENTO

Em sessão extraordinária nos últimos dias de fevereiro, o Tribunal Superior do Trabalho decidiu reduzir de 25 para 18% o aumento conquistado pelos trabalhadores no TR de Pernambuco. Foi fixado o teto de 1.500 cruzeiros, ao contrário da majoração anterior, que não delimitara teto algum.

Fato injustificável foi a atitude tomada pelo advogado dos empregadores, e por alguns dos ministros, que pleitearam a anulação pura e simples do dissídio julgado pelo TRT pernambucano. A ser aprovada essa medida, provocaria uma reação imprevisível por parte dos trabalhadores, já revoltados com as sucessivas proteções que vinham fazendo os patrões das fábricas de tecidos.

Reunidos em grande Assembléia na manhã do dia 4 de março debateram os grevistas a decisão do TST e ficou decidida a volta ao trabalho. Encerrando-se assim um movimento paredista que se estendeu por várias semanas e se revestiu de características de incrível violência e arbitrariedade contra os trabalhadores.

Poucos dias após, aprovava a Câmara de Deputados o projeto que regulamenta o direito de greve, desmascarando assim, uma vez mais, as mentiras e falsas alegações dos elementos reacionários que se voltaram contra os têxteis do Recife, em luta apenas por um pouco mais de pão para os seus filhos.

Essa luta trouxe para os trabalhadores pernambucanos ensinamentos preciosos no que se refere ao problema da unidade e da firmeza diante das dificuldades. Não se deixaram eles intimidar diante das violências da polícia de Cordeiro de Farias e das ameaças dos patrões. Apelaram para a solidariedade da população e dos demais trabalhadores



Uma das vítimas dos capangas e da polícia, quando na sede do sindicato relatava a violência do governo e dos patrões contra os trabalhadores.

e ela não lhes faltou um momento sequer da Assembléia Legislativa, de entidades estudantis, do SAPS, da Prefeitura de Recife — sucederam-se as demonstrações de apoio e compreensão à justa luta que travavam os têxteis.